

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
Curso de Bacharelado em Jornalismo

JAQUELINE CORREIA DEINA

**OS DIREITOS HUMANOS NO JORNALISMO: UMA ANÁLISE DO CASO  
ELAINE CAPARROZ**

CURITIBA

2020

JAQUELINE CORREIA DEINA

**OS DIREITOS HUMANOS NO JORNALISMO: UMA ANÁLISE DO CASO  
ELAINE CAPARROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de bacharel em Jornalismo pelo Centro  
Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Karine Moura Vieira

CURITIBA

2020



Centro Universitário Internacional Uninter  
Curso de Bacharelado em Jornalismo  
Ata de Banca de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos \_\_10\_\_ dias do mês de \_\_fevereiro\_\_ realizou-se a banca de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Jaqueline Deina do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, sob o título Os Direitos Humanos no Jornalismo: Uma análise do caso Elaine Caparroz\_e orientação do/a\_Karine Moura Vieira\_\_, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Márcia Boroski

Examinador/a 2: Máira Nunes

Após as arguições foram registradas as seguintes considerações:

Em função da proposta da pesquisa e da relevância do tema tratado, a banca autoriza, em caso de necessidade que o trabalho possa ter mais do que o número máximo de páginas permitido pelo regimento. \_\_\_\_\_

Ao final, foi atribuída a seguinte nota: \_\_10\_\_

( x ) Aprovado    ( ) Aprovado com solicitação de ajuste    ( ) Reprovado

Assinam:

Orientador/a: Karine Moura Vieira

Examinador/a 1: Márcia Boroski

Examinador/a 2: Máira de Souza Nunes

Estudante: Jaqueline Corvini Deina

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus, que me permitiu sonhar novamente quando eu já não acreditava mais que poderia me tornar uma jornalista. Vi Sua mão me conduzir em cada passo que dei, cada decisão que tomei e em cada detalhe que me permitiu chegar até aqui.

Aos meus pais, Osmarina e Wilson: por todo apoio e paciência durante esses quatro longos anos; por todos os abraços silenciosos e palavras de conforto nos momentos em que mais me senti exausta e a ponto de desmoronar. Vocês são meu porto seguro desde sempre. Ao meu irmão Dieferson, sua linda esposa Jéssica e nossa princesa Nicole: vocês não sabem quantas vezes meu coração se alegrou e pude sentir um alívio pelo simples fato de vocês estarem por perto. Quanta paz e amor essa pequenininha faz transbordar em meu coração quando sorri pra mim. Sou a tia mais sortuda do mundo!

Aos meus queridos professores e professoras da Uninter: cresci e amadureci muito ao longo desses anos, e levo um pedacinho de cada um com carinho no coração. Sempre com seus ensinamentos, sabedoria, palavras de conhecimento, brincadeiras, risadas e puxões de orelha. Vocês me inspiram e me fazem querer ser melhor todos os dias. Espero que um dia vocês sintam orgulho em lembrar que fizeram parte da minha formação.

Em especial, Karine Moura Vieira, por sua imensa paciência, apoio e por colocar seu coração e verdade em tudo o que faz. Te admiro tanto! Obrigada por me ajudar tanto e por permanecer comigo, você é parte essencial desse trabalho e foi uma honra contar com a sua orientação. Máira Nunes, que iniciou esse processo comigo e me ajudou a entender que meu trabalho precisava ser uma monografia. Você é incrível! Eloisa Beling, que em meu primeiro ano me apresentou ao lindo mundo do Jornalismo Humanizado, me mostrando o quanto é importante pensarmos em um jornalismo que respeite as pessoas; você me abriu os olhos para escolher meu tema. Mauri König, que um dia me convidou despretensiosamente para fazer parte do Uninter Notícias, onde pude aprender tanto sobre a linda profissão que escolhi para minha vida; você me ensinou a não me contentar em ser uma aluna

mediana, pois eu não quero ser uma profissional mediana. Passei a te admirar ainda mais.

Aos meus colegas e aos amigos que fiz durante esse período. Miriele Lima, Millena Prado, Cláudia Freire e Ivone Souza: obrigada por não me deixarem desanimar, por todas as palavras de incentivo e pela ajuda para que esse trabalho fosse concluído, serei eternamente grata. Valéria Alves: obrigada por todas as risadas, palavras de conforto e conversas profundas que me fizeram ser mais forte e corajosa; você trouxe leveza aos meus dias e me ensinou que a vida é mais bela quando temos amigos e compartilhamos momentos com aqueles que amamos. Ariadne Körber: obrigada por ser minha dupla por quase quatro anos, por toda ajuda e pelas “pinceladas de luz” que trouxe em minha vida.

Por fim, a todos que foram um apoio e suporte necessários para que eu vencesse este ano, que foi, sem dúvidas, um dos mais difíceis e desafiadores para mim e minha família. Fazer um TCC em meio a uma pandemia não é nada fácil. Eliza Bonfim: obrigada por sua amizade, carinho e amor, por se dedicar tanto a nossa amizade e por suportar meus surtos, sempre com palavras de incentivo e correção, e sempre com cuidado. Elizabeth, obrigada por cada oração e palavra de incentivo, e por ser um alicerce nos momentos em que minha fé falhou. Por cada torcida entusiasmada com as minhas pequenas vitórias. Joshua, por cada oração e palavra de incentivo. Solange: obrigada por me pressionar e me dizer que eu era capaz, por dedicar seu tempo em cada sessão de terapia para me incentivar e não me deixar desistir dos meus sonhos, e por me mostrar que eu já passei por coisas muito mais difíceis e que era capaz de passar por mais esse momento.

*“Tudo tem o seu tempo determinado,  
e há tempo para todo propósito debaixo do céu.”*

*Eclesiastes 3:1*

## RESUMO

A presente pesquisa dedica-se a observar, a partir da perspectiva de compromisso do jornalismo com os direitos humanos, como se dá a construção das narrativas jornalísticas nas coberturas sobre pautas de violência contra a mulher em sites de notícias, tendo como objeto de estudo a cobertura dos portais G1 e R7 sobre o caso de tentativa de feminicídio de Elaine Caparroz, que aconteceu em fevereiro de 2019. Para tal propósito, optou-se pelo método de Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. As análises indicaram uma deficiência no aprofundamento do caso em relação a temas pertinentes ao tema, que poderiam fortalecer o debate acerca da violência contra a mulher. Também, observou-se a falta de dados, estatísticas e informações complementares ao tema, uma vez que o caso repercutiu grandemente à época do crime, levantando debates e colocando a temática em pauta na mídia nacional. No entanto, identificou-se um discurso objetivo e claro, seguindo as normas jornalísticas padrões, sem indícios de discursos que culpabilizam a vítima ou suavizam o crime.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativa jornalística; direitos humanos; violência de gênero; webjornalismo; portais de notícias.

## **ABSTRACT**

This research is dedicated to observing, from the perspective of journalism's commitment to human rights, how the construction of journalistic narratives takes place in the coverage of agendas of violence against women on news sites, with the object of study being the coverage of portals G1 and R7 on the case of attempted femicide suffered by Elaine Caparroz, which occurred in February 2019. For this purpose, we opted for the Pragmatic Analysis Method of Journalistic Narrative. The analyzes indicated a deficiency in the deepening of the case in relation to themes pertinent to the debate on violence against women and the lack of data and complementary information about the theme. Since the case had a great repercussion at the time of the crime, raising debates and raising the theme on the national media. However, an objective and clear speech was identified following the standard journalistic norms without indications of speeches that blame the victim or soften the crime.

**KEYWORDS:** journalistic narrative; human rights; gender violence; web journalism; news portals.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 OS DIREITOS HUMANOS: A IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE</b>	<b>15</b>
2.1 VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	16
2.2 DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL	19
2.3 O CASO ELAINE CAPARROZ	21
<b>3 O JORNALISMO: PRÁTICAS E PROCESSOS</b>	<b>23</b>
3.1 OS DIREITOS HUMANOS NO JORNALISMO	28
3.2 WEBJORNALISMO	31
3.3. O QUE SÃO PORTAIS DE NOTÍCIA: CARACTERÍSTICAS DOS PORTAIS G1 E R7	36
3.3.1 Portal G1	39
3.3.2 Portal R7	40
<b>4 METODOLOGIA</b>	<b>41</b>
4.1 ANÁLISE PRAGMÁTICA DA NARRATIVA NO JORNALISMO	43
<b>5 ANÁLISES</b>	<b>52</b>
5.1 G1 - Análise da narrativa	66
5.2 R7 - Análise da narrativa	73
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO A - Infográfico Anuário Brasileiro de Segurança Pública - 2019</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO B - Paisagista espancada em apartamento na Barra da Tijuca deve receber alta nesta sexta</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO C - Reprodução homepage Portal G1 - agosto de 2019</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO D - Reprodução homepage Portal G1 - agosto de 2019</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO E - Reprodução homepage Portal R7 - agosto de 2019</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO F - Reprodução homepage Portal R7 - agosto de 2019</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO G - Paisagista espancada em apartamento na Barra tem alta médica</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO H - 'Logo, logo eu estou numa boa', diz em vídeo mulher espancada dentro de casa na Barra da Tijuca</b>	<b>89</b>

<b>ANEXO I - Paisagista vítima de agressão chega à delegacia para prestar depoimento</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO J - Espancamento e tentativa de feminicídio de paisagista foram premeditados, diz polícia</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO K - Paisagista agredida por lutador presta depoimento à Alerj</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO L -Paisagista espancada no primeiro encontro recebe alta médica</b>	<b>93</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), os direitos humanos são todos os direitos básicos, como direito à vida e à igualdade, à liberdade de expressão e opinião, entre outros, intrínsecos à todas as pessoas, sem que haja qualquer tipo de discriminação, a fim de promover a dignidade e o valor humano (ONU BRASIL, 2019)

Uma pesquisa<sup>1</sup> realizada em abril de 2018 pelo Instituto Ipsos apontou que 66% dos brasileiros acreditam que os direitos humanos protegem mais os bandidos do que as vítimas.

Em uma sociedade marcada pelo capitalismo, os direitos humanos se fazem estritamente necessários para a promoção da igualdade e de uma vida mais justa. Eles são importantes para se pensar na sociedade como um todo; porém, este trabalho dedica-se a destacar um grupo de minorias dentro da questão de direitos humanos.

As mulheres se encontram no grupo das minorias, uma vez que estão em posição de maior vulnerabilidade em relação aos homens na sociedade. Segundo o Relatório Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil<sup>2</sup>, publicado em 2019 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 16 milhões de mulheres brasileiras sofreram algum tipo de violência em 2018. O relatório reforça a necessidade de políticas públicas mais efetivas a respeito da prevenção e combate à violência de gênero, e aponta que o país ainda se encontra entre os maiores índices de violência contra a mulher no mundo:

O Brasil conquistou leis proclamadas dentre as melhores do mundo para a defesa das mulheres, mas ao mesmo tempo permanece recordista em índices de violência. Apesar dos esforços e da maior conscientização da sociedade, a violência se mantém estável e crônica. (SCARANCA, 2019, p. 25)

---

<sup>1</sup> Pesquisa Pulso Brasil, Instituto Ipsos. Disponível em: <<https://www.ipsos.com/pt-br/63-dos-brasileiros-sao-favor-dos-direitos-humanos>> Acessado em 02/12/2019

<sup>2</sup> Relatório Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil - FBSP. 2019. Disponível em: <[https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/)> Acessado em 12/12/2020

O levantamento também aponta que as vítimas com maior nível de escolaridade são as que mais denunciam, uma vez que reconhecem com mais facilidade as violências tidas como “invisíveis”. Além disso, o relatório aponta que o racismo também é um fator agravante em relação aos casos de feminicídio no Brasil, tornando as mulheres negras e pardas um alvo maior em relação às brancas.

Em março de 2018, a organização não-governamental Artigo 19 publicou a pesquisa “Dados sobre Feminicídio no Brasil”<sup>3</sup>, analisando números abertos disponíveis sobre o tema, com o fim de dar maior visibilidade aos problemas da violência contra a mulher e ao feminicídio.

A pesquisa destaca a importância de se entender os motivos que levam aos crimes de violência contra a mulher, e o contexto do acontecimento como uma forma de combate mais efetivo, salientando a necessidade de que os governos disponibilizem dados concretos que auxiliem nas pesquisas em relação ao tema.

Um exemplo de pautas do tipo é o caso da empresária e paisagista Elaine Caparroz (55), que foi violentamente agredida por cerca de quatro horas, após o primeiro encontro com o estudante de direito e lutador de artes marciais Vinicius Serra (27). Os dois mantiveram um relacionamento pela *internet* durante oito meses antes de se encontrarem pessoalmente.

O caso aconteceu no apartamento de Elaine, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2019. A gravidade do fato chocou milhões de pessoas, causando grande comoção e repercussão nacional. Vinicius respondeu ao crime por tentativa de homicídio triplamente qualificado, entre eles, tentativa de feminicídio (quando o crime contra a mulher acontece por questão de gênero).

Notícias como esta são recorrentes na grande mídia de massa. Tais casos acometem todos os tipos de mulheres, independentemente de idade, cor ou classe social. Evidentemente, não são todos os casos que ganham tamanha repercussão, como o de Elaine Caparroz, uma vez que acontecem diariamente ocorrências demais e seria impossível que todas fossem noticiadas.

Neste sentido, essa pesquisa tem como principal questionamento: a partir da perspectiva de compromisso do jornalismo com os direitos humanos, como se dá a

---

<sup>3</sup> Pesquisa Dados Sobre Feminicídio no Brasil, Artigo 19 Brasil, 2018. Disponível em: <<https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/03/Dados-Sobre-Femicid%C3%ADdio-no-Brasil-.pdf>> Acessado em 04/09/2020

construção das narrativas jornalísticas nas coberturas sobre pautas de violência contra a mulher em sites de notícias?

Para responder essa pergunta, foram elencadas as seguintes hipóteses: i) a partir da observação da cobertura de sites de notícias sobre o caso Elaine Caparroz, é possível identificar falhas na narrativa jornalística quanto à sua função social, e na responsabilidade em abordar pautas delicadas, com cuidado e respeito ao indivíduo como pessoa, e não simplesmente uma fonte de informação, um gerador de notícia; ii) as narrativas jornalísticas têm o poder de difundir e reforçar estereótipos sobre a mulher em questões comportamentais e de relacionamentos; partindo desse ponto, a forma como são apresentadas informações sobre o caso, a repetição de termos e a escolha de alguns detalhes em detrimento de outros pode demonstrar um descuido em relação a forma como mulheres que sofrem violência são retratadas pela mídia.

O objetivo principal desta pesquisa busca investigar a forma como se dá a cobertura jornalística nos portais de notícia, utilizando como base os portais G1 e R7, em relação a casos de violência contra a mulher, a fim de verificar se ou de que forma se dá a construção da narrativa, quais os recursos utilizados para a apresentação dos personagens, qual o enquadramento, a abordagem e a linguagem utilizada, e se estas podem sugerir uma culpabilização da vítima por meio de tais narrativas midiáticas. Os portais G1 - pertencente ao grupo Globo - e R7 - pertencente ao grupo Record de Comunicação - foram escolhidos a fim de permitir a pluralidade de conteúdos por fazerem parte de grupos comunicacionais distintos, mas que possuem características semelhantes, compartilhando um mesmo formato para que a análise pudesse ser mais assertiva.

A partir de alguns recortes, que serão apresentados no capítulo dedicado à metodologia, foram selecionadas seis matérias, duas do R7 e quatro do G1 para serem analisadas.

Para atingir o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: analisar a construção das narrativas dos portais G1 e R7 acerca do caso Elaine Caparroz, observando a forma como estes abordaram o caso; identificar se os portais de notícia trabalharam na cobertura sobre o caso na perspectiva dos direitos humanos, com cuidado com a fonte, sem fortalecer estereótipos que reforçam a culpabilização da vítima; avaliar como a personagem central - no caso, Elaine - foi representada nos textos das reportagens.

A pesquisa tem a intenção de não somente analisar, mas fomentar o debate acerca da violência contra a mulher e de como o jornalismo pode atuar de maneira a conscientizar, prevenir e incentivar as vítimas a denunciarem, antes que a violência chegue ao extremo do feminicídio. A violência de gênero não escolhe classe social e acontece em todas as camadas da sociedade, devendo ser compreendida e comunicada da melhor maneira por meio do jornalismo, que atua também de forma a pressionar os poderes para que políticas públicas sejam mais efetivas no combate às violências e suporte às vítimas.

Os próximos capítulos abordarão com maior profundidade temas importantes para o entendimento da pesquisa proposta.

O capítulo 2 aborda a questão dos direitos humanos na sociedade, elucidando o que são, seu surgimento e qual a importância da garantia de tais direitos a todos os cidadãos. Este capítulo fala a respeito da violência de gênero, mais especificamente a violência contra a mulher, acerca de conceitos e como ela se dá no contexto brasileiro. Também traz números, dados e pesquisas acerca da violência contra a mulher no Brasil e a apresentação do caso Elaine Caparroz.

O capítulo 3 traz informações a respeito do jornalismo, suas práticas e processos de produção, fontes e valores-notícia, e de que forma se dá a construção da notícia. Também apresenta o jornalismo de direitos humanos e as pautas que recebem destaque nesse tipo de narrativa. Neste capítulo também se encontram as definições e a história do *webjornalismo*, mostrando suas características e como surgiu. Também são apresentadas as definições dos portais de notícia e como surgiram, detalhando as características dos portais a serem analisados nesta pesquisa, no caso, o G1 e o R7.

Por fim, no capítulo 4 a metodologia a ser utilizada na pesquisa é apresentada, com a descrição do processo de escolha do conteúdo a ser analisado para o corpus da pesquisa, tendo as especificações sobre a metodologia escolhida para o estudo, que é a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, a qual se utilizará dos quatro primeiros movimentos propostos pelo autor para a reconstrução das narrativas, que propõem a observação do narrador. A fim de possibilitar uma melhor e mais fácil compreensão do processo, entendeu-se que a metodologia deveria vir antes das análises das matérias.

## 2 OS DIREITOS HUMANOS: A IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE

Os direitos humanos são todos os direitos básicos, como direito à vida e à igualdade, à liberdade de expressão e opinião, entre outros, intrínsecos à todas as pessoas, sem que haja qualquer tipo de discriminação, a fim de promover a dignidade e o valor humano (ONU BRASIL, 2019).

Esses direitos são necessários para que haja uma sociedade mais justa, que assegure a igualdade de direitos entre todos os cidadãos, livre de preconceitos e com oportunidades iguais para todos.

Após a Segunda Guerra Mundial, os horrores do Holocausto trouxeram a consciência da necessidade de garantia da aplicação dos direitos humanos, de maneira a punir os transgressores de tais direitos e fiscalizar seu cumprimento. Era importante assegurar que esse terrível pedaço da história jamais se repetiria.

Representantes de 50 países, reunidos em uma Conferência sobre Organização Internacional, elaboraram e assinaram a Carta das Nações Unidas, em 26 de junho de 1945.

A ONU destaca algumas das características mais importantes dos direitos humanos:

Os direitos humanos são fundados sobre o respeito pela dignidade e o valor de cada pessoa; os direitos humanos são universais, o que quer dizer que são aplicados de forma igual e sem discriminação a todas as pessoas; os direitos humanos são inalienáveis, e ninguém pode ser privado de seus direitos humanos; eles podem ser limitados em situações específicas. Por exemplo, o direito à liberdade pode ser restringido se uma pessoa é considerada culpada de um crime diante de um tribunal e com o devido processo legal; os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, a violação de um direito vai afetar o respeito por muitos outros. Todos os direitos humanos devem, portanto, ser vistos como de igual importância, sendo igualmente essencial respeitar a dignidade e o valor de cada pessoa. (ONU, 2019)

Além disso, a ONU trabalha de forma ativa no monitoramento da aplicação dos direitos humanos nos Estados-membros do tratado, a fim de auxiliá-los a definir, implantar e monitorar as normas internacionais.

O Sistema de Direitos Humanos da ONU é constituído por meio de quatro organismos fixos, além de outras entidades temporárias que atuam com determinadas finalidades, quando necessário. Os quatro organismos atuam de forma

separada, mas estão interconectados, são eles: o Conselho de Direitos Humanos da ONU; Procedimentos Especiais; os Organismos de Tratados da ONU e o ACNUDH (Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos). (ONU, 2019)

Todos os anos, são analisados diversos assuntos relacionados aos direitos humanos pela Comissão da Assembleia Geral para Assuntos Sociais, Culturais e Humanitários, como questões relacionadas às mulheres, crianças, indígenas, refugiados, racismo, entre outros, considerando relatos de especialistas. (ONU, 2019)

Se faz necessário o cumprimento dos direitos humanos em sociedade a fim de assegurar o valor de cada pessoa individualmente. A aplicação dos direitos humanos não só permite uma vida mais consciente quanto às necessidades e direitos de cada cidadão, mas age como uma forma de proteção da vida e dos valores pessoais de cada ser, conforme destaca Pequeno:

Os direitos humanos são aqueles princípios ou valores que permitem a uma pessoa afirmar sua condição humana e participar plenamente da vida. Tais direitos fazem com que o indivíduo possa vivenciar plenamente sua condição biológica, psicológica, econômica, social, cultural e política. Os direitos humanos se aplicam a todos os homens e servem para proteger a pessoa de tudo que possa negar sua condição humana. Com isso, eles aparecem como um instrumento de proteção do sujeito contra todo tipo de violência. Pretende-se, com isso, afirmar que eles têm, pelo menos teoricamente, um valor universal, ou seja, devem ser reconhecidos e respeitados por todos os homens, em todos os tempos e sociedades. (PEQUENO, 2016, p. 25)

A aplicação dos direitos humanos se mostra imprescindível, a fim de garantir uma sociedade cada vez mais justa, para promover a paz, reduzir conflitos e, principalmente, garantir que as minorias estejam seguras quanto ao seu valor na sociedade e possam ter oportunidades iguais para o pleno desenvolvimento da dignidade humana.

## 2.1 VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Antes de se falar sobre a violência de gênero, é preciso reforçar que não existe apenas um conceito acerca do termo, o qual demanda estudos e pesquisas aprofundadas. Uma vez que existe uma crescente discussão em sociedade a



respeito de igualdade de gênero e identidade de gênero, é importante salientar que os movimentos feministas deram força a esses termos, conforme cita Saffioti “Não se pode negar que haja uma perspectiva feminista, construída ao longo das lutas de mulheres por uma sociedade menos injusta” (2001, p. 129).

Diferentemente do senso comum, gênero não diz respeito apenas à questão biológica, ou seja, questões relacionadas ao corpo e às diferenças físicas entre homens e mulheres, mas está atrelado a uma construção social relacionada ao sexo, de acordo com Guedes, citando Scott, "gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (1995, p. 86).

Violência de gênero, segundo Saffioti (2001, p. 115) em seu conceito mais abrangente engloba “mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos” como vítimas. Mas por que as questões de gênero estão tão ligadas ao feminino? Isso se deve ao fato de que o patriarcado - sistema de dominação muito semelhante ao escravocrata, em que o homem é o chefe da família, a quem os demais devem obediência - ainda continua muito presente em nossa sociedade e afeta de forma direta as mulheres. A autora Neuma Aguiar fala sobre as formas como esse sistema se impõe sobre as mulheres:

[...] os casos de dominação arbitrária no interior da esfera familiar, como a obrigatoriedade, da parte das mulheres, de manter relações sexuais com os maridos, decorrentes de uma obrigação de atender aos desejos masculinos, independentemente das circunstâncias, e de sua própria vontade. A violência contra mulheres e a impunidade, como legítima defesa da honra masculina, consiste em outra indicação de relações patriarcais. Essas situações de arbítrio de poder na família foram amplamente documentadas pelo pensamento social brasileiro. (AGUIAR, 2000, p. 306)

Conforme destaca Bandeira, a violência de gênero, mais especificamente a violência contra as mulheres, se dá justamente pelo fato de que estas não são vistas como iguais perante os homens, mas estariam em uma espécie de “nível abaixo”, hierarquicamente:

Afinal, é pela perspectiva de gênero que se entende o fato de a violência contra as mulheres emergir da questão da alteridade, enquanto fundamento distinto de outras violências. Ou seja, esse tipo de violência não se refere a atitudes e pensamentos de aniquilação do outro, que venha a ser uma pessoa considerada igual ou que é vista nas mesmas condições de existência e valor que o seu perpetrador. Pelo contrário, tal violência ocorre motivada pelas expressões de desigualdades baseadas na condição de

sexo, a qual começa no universo familiar, onde as relações de gênero se constituem no protótipo de relações hierárquicas. (BANDEIRA, 2014, p. 450)

Bandeira (2014) também ressalta a importância do feminismo nos estudos acerca da correlação entre violência e gênero, permitindo assim um debate mais abrangente a respeito da violência contra a mulher:

Desde o início dos anos 1970, as feministas americanas denunciavam a violência sexual contra a mulher, porém uma década depois é que esse fenômeno veio a ser apresentado como categoria sociológica e área de pesquisa, cuja configuração mais usada passou a ser violência contra a mulher e se caracterizou como a questão central do movimento feminista nacional. (BANDEIRA, 2014, p. 450)

A violência de gênero não se dá apenas de forma física, mas também de forma simbólica e psicológica, envolvendo também questões financeiras. Ainda é comum em nossa sociedade que mulheres estejam à mercê de seus companheiros por não terem independência financeira, permanecendo em situações de violência doméstica por não terem para onde ir e como se sustentar. Mulheres estas que são constantemente diminuídas e desacreditadas de suas capacidades de sobreviverem por si próprias sem a presença masculina.

Entretanto, conforme destaca Souza (2019), a violência de gênero “não escolhe classe, raça, etnia, religião ou mesmo condição social.” Nenhuma mulher está isenta de sofrer algum tipo de violência e, ainda que questões como a dependência financeira e a baixa escolaridade intensifiquem a vulnerabilidade das vítimas e sejam predominantemente a maioria, a violência de gênero se expande para cenários variados.

Um estudo<sup>4</sup> realizado em 2013 com 902 mulheres (considerando a idade de 18 anos ou mais) que registraram denúncias na Delegacia Especializada de Atendimento às Mulheres no município de Rio Grande - RS, revelou que “52 (5,8%) vítimas possuíam o ensino superior completo ou incompleto, havendo entre elas professoras, advogadas, uma assistente social, uma enfermeira e uma médica.” (ACOSTA, GOMES, BARLEM, 2013, p. 551)

---

<sup>4</sup> Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002013000600007&script=sci\\_arttext&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002013000600007&script=sci_arttext&lng=pt)> Acessado em 12/12/2020

Neste cenário, milhões de mulheres têm se movido contra esse tipo de pensamento - dentro de um viés de sistema patriarcal - que as coloca como seres inferiores, se tornando resistência em meio à uma sociedade que ainda defende esse mesmo sistema.

[...] mulheres podem oferecer resistência ao processo de exploração-dominância que sobre elas se abate e milhões delas têm procedido desta forma. Não apenas no que concerne às relações de gênero, mas também atingindo as interétnicas e as de classes, pode-se afirmar que mecanismos de resistência estão sempre presentes, alcançando maior ou menor êxito. (SAFFIOTI, 2001, p. 120)

Saffioti (2001, p. 121) destaca, entretanto, que ao serem confrontados com essa resistência e empoderamento feminino, os homens respondem com a violência física. Segundo a autora, os homens ainda possuem o respaldo da lei que deixa brechas para esse tipo de violência acontecer, uma vez que a mulher precisa de uma testemunha caso a agressão sofrida não tenha deixado marcas:

[...] como autorização para os homens cometerem violência contra as mulheres, na medida em que apenas os excessos são codificados como tipos penais. Endossa-se esta visão, uma vez que ela é passível de fácil constatação. Tome-se o exemplo da lesão corporal dolosa (LCD). Seu autor está sujeito a punição desde que a violência perpetrada deixe marcas no corpo da vítima. (SAFFIOTI, 2001, p. 121)

Isso só reforça o porquê da importância de se entender e discutir a violência de gênero, e como as mulheres são afetadas diretamente por ela. É preciso entender também a relevância do feminismo na defesa de pautas relacionadas ao tema, a fim de que seja proposto um debate mais abrangente em sociedade, de forma a proteger tais vítimas de violência.

## 2.2 DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL

A violência contra a mulher é um assunto de extrema relevância e vem ganhando força entre as pautas discutidas na sociedade com as crescentes lutas feministas. Ainda assim, as pesquisas acerca do tema não revelam números exatos, pois muitas vítimas não chegam a prestar queixa, seja por medo, visto a ineficiência do sistema em punir os agressores, ou pela vergonha.

Outra dificuldade está na precariedade dos dados disponibilizados, que carecem de atualizações para que levantamentos e pesquisas sejam concretos, conforme destaca o estudo Dados Sobre Femicídio no Brasil<sup>5</sup>, realizado pela organização Artigo 19.

De acordo com o projeto Relógios da Violência<sup>6</sup> do Instituto Maria da Penha (IMP), a cada dois segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal no Brasil. O projeto acompanha os dados sobre violências sofridas por mulheres no Brasil e no mundo, trazendo números como: ofensa verbal, ameaça de violência, perseguição, violência física, vítimas de arma de fogo, de ameaças com faca ou arma, espancamento ou tentativa de estrangulamento, assédios, entre outros.

Esses números revelam que existe uma ameaça constante às mulheres, e demonstram um crescimento alarmante nos últimos anos. Além disso, é importante ressaltar que a violência doméstica e familiar só passou a ser crime após a aprovação da Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006, que ficou mundialmente conhecida como Lei Maria da Penha<sup>7</sup>.

O Atlas da Violência de 2019<sup>8</sup> evidencia que houve um aumento nos homicídios femininos no Brasil em 2017, com a maior taxa registrada observando-se os dez anos anteriores. O Atlas analisou dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, no período entre 2007 e 2017, e constatou um aumento de 30,7% dos homicídios femininos durante esse período.

Outro levantamento, encontrado no Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019<sup>9</sup>, mostra o feminicídio com um aumento de 11,3%, sendo 88,8% destes cometidos pelos companheiros e ex-companheiros das vítimas. A violência doméstica também cresceu, registrando um caso a cada dois minutos. O período analisado refere-se ao ano anterior, que registrou 263.067 casos de lesão corporal dolosa, conforme infográfico disponível no Anexo A.

---

<sup>5</sup> Pesquisa Dados Sobre Femicídio no Brasil #invisibilidademata, acessado em 19/08/2020, <<https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/03/Dados-Sobre-Femicidio-no-Brasil-.pdf>>

<sup>6</sup> Relógios da Violência - IMP - Instituto Maria da Penha - acessado dia 02/09/2020 <<https://www.institutomariadapenha.org.br/>>

<sup>7</sup> Resumo da Lei Maria da Penha - IMP - Instituto Maria da Penha - acessado em 02/09/2020 <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/resumo-da-lei-maria-da-penha.html>>

<sup>8</sup> Atlas da Violência 2019 - Ipea e FBSP, acessado em 19/08/2020, <[https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019\\_05jun\\_vers%C3%A3o-coletiva.pdf](https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019_05jun_vers%C3%A3o-coletiva.pdf)>

<sup>9</sup> Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019, acessado em 19/08/2020, <[https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf)>

O anuário também revela um número preocupante de estupros cometidos por dia, em sua maioria, sofridos por mulheres. Esses números estão em constante crescimento e refletem padrões de comportamento que ainda continuam a ser perpetuados em nossa sociedade.

Entende-se, portanto, a importância de um debate mais aberto acerca da violência de gênero, e dos estudos que possam reforçar a responsabilidade de uma mídia mais ativa e assertiva em casos de violência contra a mulher, uma vez que o jornalismo tem uma forte atuação na divulgação de dados e atua também de maneira pressionar uma resposta do poder público acerca de políticas públicas efetivas, quando divulga e denuncia casos de violência e mantém a sociedade informada a esse respeito.

### 2.3 O CASO ELAINE CAPARROZ

O presente trabalho apresentará a análise da cobertura feita pelos portais de notícias G1 e R7, sobre o caso de tentativa de feminicídio sofrido pela empresária Elaine Peres Caparroz, em 15 de fevereiro de 2019.

Elaine, à época com 55 anos, vivia sozinha em seu apartamento no condomínio Torre Charles de Gaulle, que fica em uma das principais vias da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Elaine recebeu em seu apartamento, por volta das 22h30 do dia 16, o estudante de direito e lutador de artes marciais Vinicius Batista Serra, de 27 anos, com quem conversava há cerca de oito meses. Os dois se conheceram pela internet, através da rede social *Instagram*, e mantinham um relacionamento apenas de amizade virtual.

O dia em que marcaram para se conhecer pessoalmente aconteceu por sugestão e insistência de Vinicius, que foi até o condomínio em que Elaine morava. Na entrada do edifício, ele se apresentou ao porteiro como Felipe. Como o porteiro ligou para o apartamento de Elaine a fim de verificar se ela o conhecia, o rapaz então mentiu novamente que seu nome era Felipe Vinicius, para que Elaine confirmasse que o estava esperando. No livro de registros de visitantes, a assinatura de Vinicius foi somente com o nome falso.

Já no apartamento de Elaine, Vinícius foi muito educado e cordial e, o pouco que a empresária se recorda (a vítima acredita ter sido dopada), ele não parecia em nada alterado. A elogiou, cortou queijos para os dois comerem com vinho, que ele mesmo serviu. Conversaram e ele sugeriu que vissem um filme de terror, o que Elaine chegou a estranhar, mas acabou consentindo. O rapaz ainda pediu, muito carinhoso, para deitar a cabeça no colo dela enquanto assistiam.

Elaine não recorda se os dois chegaram a assistir ao filme. Pouco tempo depois, lembra-se de já estarem no quarto, ele na cama, de braços abertos, a convidando para dormirem abraçados. Depois disso, ela só se lembra de acordar com os joelhos de Vinícius sobre seu corpo, sendo espancada por ele, que só parou de bater depois de quatro horas.

Entre as agressões, socos, chutes e mordidas em seus braços, enquanto Elaine tentava proteger o rosto. Com os golpes incessantes, ela foi perdendo a consciência até desmaiar. Quando ela perdia a consciência, ele a acordava para que ela se desse conta de que estava sendo massacrada. Demonstrava sentir prazer com seu sofrimento. Queria que ela sentisse, que visse tudo.

Elaine perguntava da melhor forma que conseguia “por que está fazendo isso comigo?”, repetindo que era uma boa pessoa e não entendia o porquê das agressões. Vinícius apenas a ignorava e continuava a atacá-la, mordendo, arrancando pedaços e cuspiendo.

Ela gritou por socorro, mas ninguém a ouviu. Assim permaneceu, apanhando, perdendo e recobrando a consciência, por cerca de quatro horas. Ao que tudo indica, ele só parou de agredi-la porque pensou que estivesse morta. A imagem no anexo B mostra um pouco da dimensão das agressões.

Elaine recebeu os primeiros socorros da vizinha Tatiane Viana, enfermeira, que também é amiga da vítima. Tatiane a encontrou no corredor em frente ao apartamento 1606, onde Elaine vivia, engatinhando nua, completamente desfigurada e ensanguentada, com hematomas por todo o corpo, pedindo por socorro já quase sem forças. A ajuda aconteceu graças ao telefonema do porteiro, Gilvan Lima, que interfonou para a moça enquanto os seguranças do condomínio detinham Vinícius, preso em flagrante enquanto tentava escapar.

Para a polícia, Vinícius agiu de forma premeditada, e foi indiciado por tentativa de feminicídio, enquadrado na Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015. Ele já possuía passagem pela polícia por ter agredido o pai e o irmão deficiente, e

também era bastante conhecido pelos colegas de faculdade por ter um temperamento forte e explosivo e se meter em brigas frequentemente.

Segundo relatos que a própria Elaine compartilhou em suas redes sociais em março de 2019, ela teve queda de hemácias, o que fez com que precisasse receber transfusão de sangue. Teve também insuficiência renal, perfuração da pleura, fratura na área orbicular, nariz, descolamento de retina, um dente quebrado na raiz e vários hematomas no rosto, braços, pescoço, cinco mordidas pelos braços e uma nos dedos. Além de tudo isso, os resquícios do trauma que sofreu, permanecerão para sempre.

Elaine hoje é ativista dos direitos das mulheres e atua na liderança das mídias sociais do projeto social Justiceiras, que presta apoio jurídico, psicológico e assistencial para mulheres vítimas de violência doméstica.

A defesa do agressor tentou alegar problemas mentais mas, após exames psiquiátricos, os laudos médicos descartaram a possibilidade. Ele continua preso por tempo indeterminado, aguardando julgamento e o pedido para que o caso vá a júri popular. Apesar de a primeira audiência pública ter sido marcada para o dia 13 de março de 2020, o depoimento do agressor foi adiado por conta da pandemia.

Até o momento em que a presente pesquisa foi produzida, o réu continua preso e aguardando a próxima fase do julgamento

### **3 O JORNALISMO: PRÁTICAS E PROCESSOS**

O jornalismo tem em sua essência a função social de servir a sociedade como um todo, levando informação verdadeira, coesa e objetiva, priorizando o interesse público acima do privado, baseada em fatos previamente checados e comprovados. Bartzen (2006, p. 81) destaca que “os profissionais descrevem seu trabalho como um serviço prestado à população, uma demanda que surge da sociedade e que é suprida com o fornecimento de informação.”

Além disso, o jornalismo atua como um dos formadores de opinião na sociedade, evidenciando fatos e dados que nem sempre estão disponibilizados facilmente para a população, de uma forma que possibilite o entendimento para todas as classes sociais. Cruz (2011) explica como se dá a formação da opinião pública e de que forma a mídia atua nesse sentido por meio de uma agenda pública:

Para a formação de uma opinião pública, faz-se necessário considerar também o sujeito pessoal ou coletivo que deseja se comunicar na intenção de disseminar no “espaço público” aquilo pelo qual quer que socialmente seja conhecido e compreendido pelo “público”, ou, que seja apropriado por um segmento específico da sociedade; em segundo lugar, que haja meios pelos quais esta comunicação se estenda o mais rápido e na maior abrangência possível a uma massa de pessoas que conjuntamente formam o público alvo desta comunicação. No atual momento da história é a “mídia” que tem o potencial de construir socialmente uma agenda pública (agenda-setting) de assuntos, temas, personalidades e fatos sociais além da abordagem (enquadramentos) sobre cada um destes assuntos. (CRUZ, 2011, p. 36)

Os profissionais devem seguir uma conduta estabelecida pela Declaração de Princípios para a Conduta dos Jornalistas<sup>10</sup>, o que inclui o direito dos cidadãos à verdade; o uso de métodos justos para obtenção de informações; o direito ao segredo de fonte; evitar ao extremo qualquer tipo de preconceito e discriminação, entre outros.

Isso traz uma maior segurança de que os jornalistas sejam pessoas confiáveis no âmbito de sua profissão, e não só para o público, mas também entre seus iguais, conforme comenta Traquina:

[...] ninguém segue as notícias tão de perto como os jornalistas. Os jornalistas monitorizam a cobertura uns dos outros. Mesmo quando não estão em contato direto, os jornalistas confiam fortemente no trabalho uns dos outros, como prática institucionalizada, para idéias de histórias e confirmação dos seus critérios noticiosos. (TRAQUINA, 2004, p. 27)

Cada país possui seu próprio código de ética, além da Declaração, para garantir que essa profissão de extrema relevância atuará com o máximo de clareza e responsabilidade, levando a todas as classes sociais a mesma informação e exercendo a profissão com respeito às pessoas.

Com o avanço da *internet* as práticas jornalísticas têm evoluído, assim como os modos de produção da notícia e por quem ela é feita. A pesquisadora Catarina Rodrigues (2013, p. 106) destaca o quanto a profissão dos jornalistas é questionada quanto à sua importância na sociedade, principalmente após a decisão que determinou a não obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão:

---

<sup>10</sup> Declaração de Princípios para a conduta dos jornalistas - Federação Internacional de Jornalistas, acessado em 19/08/2020, <<http://www.igutenberg.org/codinter.html>>



Surgem frequentemente dúvidas relacionadas com as funções desempenhadas por estes profissionais, sendo que a possibilidade de qualquer pessoa exercer as mesmas tarefas, mesmo não tendo formação na área ou qualquer vínculo profissional, acentua a problemática desta definição. (RODRIGUES, 2013, p. 106)

Os avanços tecnológicos possibilitaram que cada vez mais o público passasse a fazer parte da produção da notícia, tirando o monopólio das grandes mídias de massa sobre a produção de conteúdos informativos, conforme destaca Barsotti (2014, p. 6).

Barsotti (2014, p. 6), citando Serra (2003, p. 39-40), também comenta que o acesso ilimitado às informações e a possibilidade da disseminação das mesmas por qualquer pessoa, embora pareça uma grande vantagem da *web*, também tem seu lado negativo quanto a imensa quantidade de informações e a necessidade de se ter a figura do jornalista como mediador.

Esse papel de mediador também é destacado por Traquina (2005), que explica o que é a notícia a partir de duas definições, uma simplista e a outra minimalista, apresentando o jornalista como uma espécie de espelho que reflete a realidade:

O que é notícia? A visão que os jornalistas apresentam desta questão - o que é notícia? - é simultaneamente simplista e minimalista: a) simplista porque, segundo a ideologia jornalística, o jornalista relata, capta, reproduz ou retransmite o acontecimento. Segundo a metáfora dominante no campo jornalístico, o jornalista é um espelho que reflete a realidade. O jornalista é simplesmente um mediador; e b) minimalista porque, segundo a ideologia dominante, o papel do jornalista como mediador é um papel reduzido. (TRAQUINA, 2005, p. 62)

Traquina (2005, p. 62) salienta também um importante aspecto da prática jornalística: o valor-notícia (ou critérios de noticiabilidade), ou seja, as características do fato que vão definir a relevância do mesmo para que este seja noticiado.

Ainda que estes critérios pré-estabelecidos auxiliem os jornalistas no exercício da profissão, por si só, eles não são capazes de estabelecer o que realmente tem peso e relevância para se tornar notícia. Segundo Tuchman (1992/1993), citada por Traquina (2005, p. 35), cabe ao jornalista essa “perspicácia noticiosa” para definir o que vira notícia; algo como uma capacidade que só os jornalistas possuem, e que o cidadão comum não tem.

Alguns valores-notícia têm mais peso do que os outros na hora de priorizar aquilo que será noticiado. Traquina destaca alguns citados por Ericson, Baranek e Chan (1987), como a dramatização, a personalização (este segundo diretamente ligado ao primeiro em razão de que é necessário ter uma personalidade-chave para dar força ao fato), o inesperado (sendo que os fatos negativos têm um peso maior) e a infração, este último conferindo ao jornalista, conforme os autores destacam, o papel de vigilantes da sociedade, que entre o seu foco também fiscalizam as questões ligadas aos direitos humanos.

A construção da notícia teve grandes mudanças a partir da evolução da *internet*. Não somente as práticas jornalísticas, como também a forma de consumo do público sofreu os impactos das transformações do jornalismo na era digital. Fotios (2016, p. 2), citando Schwingel, salienta que as rotinas de produção tradicionais, a forma de apurar fatos e até mesmo a circulação dos conteúdos tiveram fortes alterações com o desenvolvimento das diversas tecnologias da informação.

O autor reforça que uma das principais mudanças na construção da notícia está relacionada à participação do público, a partir da escolha de “filtros do que é ou não relevante para ser noticiado”.

No meio online o público passa a desempenhar uma função muito parecida com a de *gatekeeper*, pois o leitor também atua como um produtor de conteúdo nesse meio, “uma vez que o público escolhe e publica informações em plataformas interativas”, aponta o autor.

A tarefa de escolher o que vai ser destacado ou não nos sites de grupos de mídia é uma rotina profissional que vem sofrendo influência da produção participativa ou do público nos meios digitais. Direta ou indiretamente, o público exerce uma força sobre a seleção da notícia no sistema de produção do ciberjornalismo, afetando a apuração, produção e circulação. (FOTIOS, 2016, p. 3)

Essas mudanças também interferem na liberdade produtiva do jornalista, pois o público se tornou grande influência na escolha da agenda, uma vez que esse profissional “compreende que a audiência é um fator importante para determinar o êxito de seu trabalho”, aponta Fotios (2016). Isso muitas vezes leva os profissionais a fazerem escolhas de conteúdo priorizando a aceitação do público em nome da audiência e do consumo, e este consumo está diretamente ligado às preferências pessoais deles.

O público da internet consome cada vez mais notícias relacionadas às suas preferências e valores, e utiliza mecanismos participativos para indicar suas vontades à mídia. Por outro lado, o jornalista de grupos de mídia também se interessa e já reproduz algumas narrativas utilizadas por cidadãos em suas produções industriais. (FOTIOS, 2016, p. 5)

Além disso, o público passa a desempenhar um outro papel na construção da notícia, fazendo um jornalismo participativo, pois atuam também como de fonte de informação, conforme destacam Primo e Träsel (2006, p. 6): “no ciberespaço, as fontes independentes (os cidadãos comuns) ganham espaço sobre as fontes oficiais e oficiosas”. Os autores citam outra figura que surge para além do papel de *gatekeeper*: a figura do *gatewatcher*.

Os autores reforçam que a enorme quantidade de informações disponíveis na *internet* tornou ainda mais importante a tarefa de checagem e análise, a fim de que, cada vez menos, essas informações sejam descartadas, uma vez que o espaço da *internet* é vasto e não existe mais uma necessidade de se rejeitar algumas notícias em detrimento de outras.

Nota-se um deslocamento da coleta de informação para a seleção da mesma. Segundo o autor, assume-se um papel semelhante ao de um bibliotecário. É claro que alguém ainda precisa entrevistar as fontes e analisar dados, e a maioria dos profissionais que lidam com o webjornalismo acabam por assumir ambos os papéis. O *gatewatcher* combinaria funções de bibliotecário e repórter. Do porteiro, passa-se ao vigia. (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 8)

Outra característica ressaltada pelos autores é referente ao texto. Se, por um lado, nota-se um imediatismo maior na publicação de conteúdos no meio digital, e essa necessidade de instantaneidade acaba por deixar passar erros, a *internet* possibilitou que estes mesmos erros fossem corrigidos com mais facilidade.

Comparado a um conteúdo impresso que necessitaria de uma errata no caso de alguma informação incorreta, com a internet essa correção passa a ser imediata. Uma informação equivocada em uma revista mensal só poderá ser corrigida na edição do mês seguinte. Essas erratas, normalmente, não têm destaque e não ocupam o mesmo espaço da matéria original. E, como se trata de 10 impresso, a errata pode remeter ao texto anterior, mas naquela matéria não aparecerá, por razões óbvias, uma referência (“link”) para a errata 12. Nesses casos, uma informação com erros em uma revista pode ter um efeito prolongado, e sua correção pode nem ser vista. No webjornalismo, contudo, um erro pode ser corrigido a qualquer tempo no mesmo local onde foi feita a publicação original. (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 8-9)

O sentido de leitura também muda com a utilização da escrita hipertextual, proveniente do meio digital. O leitor assume “uma postura ativa na seleção dos links que apontam para diferentes lexias na estrutura hipertextual”, comentam Primo e Träsel (2006).

O público no jornalismo digital tem um controle maior sobre a informação que busca e o que vai ler, se comparado ao impresso. Mas isso não significa que, mesmo com toda essa liberdade e interatividade, o público se torna totalmente independente no consumo da notícia, uma vez que o “controle sobre o conteúdo da página e seus múltiplos caminhos alternativos permanecem em poder de um redator, programador ou equipe”, reforçam os autores.

### 3.1 OS DIREITOS HUMANOS NO JORNALISMO

O jornalismo atua de muitas maneiras para a manutenção da sociedade, uma delas é a promoção dos direitos humanos e a fiscalização dos poderes de maneira que estes direitos sejam assegurados a todos, sem exceção.

Conforme citam Nasi e Raddatz (2017, p. 82), o jornalismo tem a função e o dever de evidenciar aos cidadãos quando estes direitos não estão sendo cumpridos de forma a respeitar a Declaração Universal do Direitos Humanos, podendo influenciar em decisões políticas, no sentido de pressionar órgãos governamentais.

Nesse aspecto, é a mídia que toma para si o direito de informar aos cidadãos que determinados direitos humanos estariam sendo negados a outros cidadãos. Assim, pode contribuir para a mediação das relações de negociação entre órgãos mundiais de defesa dos direitos humanos e as nações. (NASI; RADDATZ, 2017, p. 83)

Contudo, foi apenas após a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) que os direitos humanos passaram a ter relevância nacional, e isso se intensifica após 1948, quando a Declaração foi promulgada. Para as autoras, é a partir desse momento que o jornalismo passa a atuar de maneira mais decisiva acerca da fiscalização e garantia desses direitos, pois há uma comoção mundial gerada após o Holocausto, o que faz com que qualquer tipo de violação de tais direitos, principalmente no que se refere a minorias, esteja cada vez mais em foco.

Por isso, os meios de comunicação estão cada vez mais atentos a questões como estas em todos os países do mundo, porque há certa cobrança em relação a estes aspectos. Questões de gênero, a causa das mulheres, o trabalho escravo, a exploração de crianças são alvos de alerta e foco de atenção da mídia, porque constituem crimes contra os direitos humanos e a cidadania universal, direitos internacionalmente assegurados. (NASI; RADDATZ, 2017, p. 84)

Desse momento em diante também é possível perceber que se intensificam os movimentos sociais em defesa de diversos grupos de minorias, conforme cita Fernandes:

Surgem, em todos os países, movimentos que vão apresentar demandas e exigir uma ampliação da cidadania, que pretende a inclusão de indivíduos que estão fora dos critérios, considerados razoáveis, para estabelecimento da cidadania. Discutem-se, em última análise, esses critérios de discriminação que determinam quem pode e quem não pode ser cidadão e uma crescente valorização das diferenças entre os cidadãos. (FERNANDES, 2002, p. 5)

E é nesse contexto que o jornalismo começa a atuar, de acordo com Fernandes (2002, p. 9), como o espaço público que dá visibilidade às pautas relacionadas aos movimentos sociais que visam a garantia de direitos aos cidadãos, sendo o “lugar central onde os movimentos apresentam suas demandas.”

Fernandes (2002, p. 9) afirma que os líderes desses movimentos também passaram a ter um contato mais direto com os jornalistas, uma vez que é preciso que esses profissionais entendam as demandas dos movimentos sociais, suas causas e interesses, de forma a serem mais assertivos quanto ao que esses grupos desejam colocar em evidência.

Além disso, os organizadores e dirigentes de movimentos pelos direitos humanos buscam sempre contatos mais diretos com jornalistas, para esclarecer as demandas e o histórico das lutas, procurando evitar-se distorções no uso de conceitos e nomenclaturas. (FERNANDES, 2002, p. 10)

Para Fernandes (2002, p.9), o jornalismo tem um papel fundamental na promoção da democracia e dos direitos humanos. “À medida que as reivindicações por direitos ficam mais específicas, o jornalismo trata o assunto com uma maior clareza”, cita, destacando assim as pautas acerca do tema, estando envolvido de forma ativa na dinâmica da sociedade.

O jornalismo, mesmo sem aprofundar-se, obviamente, nas discussões filosóficas, políticas e históricas que envolvem as questões dos direitos humanos, mesmo sendo, muitas vezes, superficial e retrógrado numa ou outra abordagem, traz à cena pública novos atores sociais, e uma nova maneira de olhar e reconhecer conflitos e incertezas que os envolvem, e as tentativas de mudar os padrões vigentes de desigualdade em que se acham. (FERNANDES, 2002, p. 11)

Neste sentido, entre as pautas jornalísticas relacionadas aos direitos humanos, encontramos algumas minorias que tiveram suas lutas intensificadas ao longo dos anos, com movimentos que ganham cada vez mais força e visibilidade no espaço público, como os movimentos feministas.

Woitowicz (2008, p.6) destaca a trajetória do feminismo no Brasil e o papel da mídia para o fortalecimento das lutas desses grupos, evidenciando uma diversidade nas pautas e nos temas defendidos por eles, a fim de possibilitar que os mesmos sejam vistos com maior seriedade.

Percebe-se, assim, na trajetória do feminismo no Brasil, que são diversas as motivações e as lutas dos grupos de mulheres, assim como são diversas as formas de estabelecer relações no interior do movimento. Esta pluralidade, ou diversidade, também se revela na produção midiática das organizações feministas. Ao criarem espaços de resistência em defesa dos direitos das mulheres, seja abrindo espaço para questões gerais ou específicas, os grupos revelam a importância da mídia alternativa no fortalecimento das lutas que construíram historicamente o feminismo como um movimento organizado no País. Isso é o que nos mostra as experiências de imprensa feminista que imprimiram uma voz dissonante – e, por vezes, provocativa ou incômoda – pela conquista efetiva da cidadania feminina. (WOITOWICZ, 2008, p. 6)

A mídia alternativa entra em cena como um grande aliado no fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil a partir da ditadura militar brasileira (1964-1984), destaca Woitowicz (2008, p.9). A autora fala sobre a necessidade de diálogo com a sociedade com o intuito de promover mudanças em meio à luta por direitos. Os movimentos então passam a ter uma organização melhor.

Neste período, em que a imprensa alternativa atuou como uma importante aliada para a conscientização de diferentes setores da sociedade, surgem as publicações do movimento feminista, que discutiam aspectos e tendências do movimento a partir de temáticas como trabalho feminino, participação política, liberdade sexual, igualdade de direitos, aborto, políticas públicas para as mulheres, condições de trabalho, violência, entre outras. (WOITOWICZ, 2008, p. 9-10)

Góes (2007, p.4) reforça que os movimentos sociais atuam fortemente contra a hegemonia dos grandes meios de comunicação e contra desigualdades sociais através da mídia alternativa, com o objetivo de buscar transformações nos processos na sociedade.

No papel contra-hegemônico e alternativo, os movimentos sociais atuam em várias esferas, inclusive a mídia. No embate pela hegemonia na sociedade civil, a mídia pode ser analisada como suportes ideológicos dos sistemas hegemônicos de pensamento, mas também como lugares de produção de estratégias que objetivam reformular o processo social. (GÓES, 2007, p. 4)

Para o autor, essa relação entre movimentos sociais e a mídia alternativa propõe uma forma de “comunicação alternativa”, que vai além da mídia tradicional, a fim de promover uma mudança na sociedade, desafiando “políticas institucionalizadas e estabelecidas”. (GÓES, 2007, p. 6)

### 3.2 WEBJORNALISMO

Segundo levantamento realizado pela Pesquisa TIC Domicílios 2019,<sup>11</sup> o Brasil possui 134 milhões de usuários de *internet* (74%), sendo o celular o dispositivo mais usado para o acesso (99%). O consumo de informações na *internet* tem crescido à medida que a tecnologia avança, assim como a forma de se fazer jornalismo na *web* que teve seu início no começo dos anos 90.

A autora Mielniczuk (2003) diz que não há uma terminologia exata quando nos referimos ao jornalismo feito na *internet* e para a *internet*. “De forma genérica, pode-se dizer que os autores brasileiros seguem os norte-americanos, utilizando com maior frequência o termo jornalismo online ou jornalismo digital”, diz.

Mielniczuk destaca a justificativa de Canavilhas (2003) ao utilizar o termo *webjornalismo*.

Porque a nomenclatura encontra-se relacionada com o suporte técnico. Para designar o jornalismo desenvolvido para a televisão, utilizamos ‘telejornalismo’; para o jornalismo voltado para o rádio, chamamos de ‘radiojornalismo’; e chamamos de ‘jornalismo impresso’ aquele que é feito para os jornais impressos em papel. Logo, a utilização desse termo parece natural. (MIELNICZUK, 2003, p. 26-27)

---

<sup>11</sup> Pesquisa TIC Domicílios 2019, Cetic.br, acessado em 25/08/2020, <[https://www.cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2019\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://www.cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf)>

Outras nomenclaturas também são usadas para delimitar as práticas dos profissionais, como 'jornalismo eletrônico', 'jornalismo digital ou multimídia' e 'ciberjornalismo', conforme elucida a autora.

Essas definições se aplicam tanto ao âmbito da produção quanto ao da disseminação das informações jornalísticas. Um aspecto importante é que elas não são excludentes, o que ocorre é que as práticas e os produtos elaborados perpassam e se enquadram de forma concomitante em distintas esferas. (MIELNICZUK, 2003, p. 27)

O jornalismo na *web* não funcionava de forma adaptada em seu princípio, tendo por um bom tempo a maior parte de seu conteúdo apenas “jogado” das páginas de jornais impressos para o meio digital, conforme destaca Ferrari (2009). “A maioria dos sites jornalísticos surgiram como meros reprodutores do conteúdo publicado em papel. Apenas numa etapa posterior é que começaram a surgir veículos realmente interativos e personalizados.” (FERRARI, 2009, p. 24)

Assim como as formas de se produzir jornalismo mudaram e se adaptaram com a *internet*, a maneira como o público passou a consumir informação também teve mudanças, apresentando suas próprias peculiaridades. Ferrari (2009) aponta que, a partir dos portais de notícias, o consumidor passou a agir da mesma maneira como em um shopping, consumindo os conteúdos, muitas vezes, aleatoriamente.

A autora também fala sobre um consumo mais superficial, sem aprofundamento de informações, e que os consumidores de portais de notícias apresentam essas mesmas características entre si, fazendo em sua maioria apenas uma leitura de manchete ou algo que chame a atenção por um tempo limitado.

Os leitores digitais se comportam de maneira parecida: dão uma olhada nas manchetes, leem o horóscopo, entram em alguma área que chamou a atenção na home page e assim sucessivamente. A informação é absorvida sem grande comprometimento com a realidade. (FERRARI, 2009, p. 19)

Por outro lado, é notável que os avanços tecnológicos carregam consigo também uma mudança imensa no que se refere à busca pela informação, uma vez que há uma quantidade enorme de notícias disponíveis na *internet* e à disposição de todos, bastando uma pesquisa rápida. É difícil deter certa atenção e aprofundamento em meio a um mar de informações.

Citando o livro *Cibercultura* do autor Pierre Lévy, Ferrari (2009, p. 21) comenta sobre os dois tipos de leitores da *internet*: o primeiro é aquele que está em



busca de uma informação ou notícia específica; o segundo tipo é o que estaria apenas levemente interessado em algo e quando se depara com algum conteúdo mais interessante, desvia seu foco rapidamente. Este segundo tipo, para Ferrari, seria o perfil dos leitores de portais de notícias.

A quantidade enorme de informações em sites diferentes torna muito difícil qualquer tipo de fidelização com esses leitores do segundo tipo. Essas características, segundo a autora ressalta, são específicas do *webjornalismo*, uma vez que é notável a fidelidade do leitor no que se refere aos jornais impressos. O leitor do impresso que se acostuma com a linha editorial de um determinado veículo jornalístico, desenvolvendo uma confiabilidade. Esse leitor dificilmente irá mudar e passar a consumir conteúdo de outro veículo, diferentemente do leitor de portais.

Ferrari (2009) ainda ressalta que os apelos visual e textual contam muito nesses casos, fazendo uma crítica à sociedade quanto à desinformação, citando Levy:

O que podemos comprovar é que, como disse Pierre Lévy, “quanto mais informações, mais equivocados ficam os leitores. Criamos uma sociedade com uma consciência sem história, sem passado, voltada para a temporalidade da ‘inteligência artificial’. Vivemos a sociedade da informação que não informa, apenas absorve grandes quantidades de dados”. (FERRARI, 2009. p. 22)

Conforme cita Mielniczuk (2003, p. 29), com o passar do tempo tiveram diversas mudanças em relação ao jornalismo na *web*, não só no que se refere à adaptação dos conteúdos para o formato digital, mas também de maneira a pensar em como esse novo formato seria consumido pelo público de forma efetiva. Novos formatos e a multimídia possibilitaram uma nova maneira de se contar histórias.

A autora destaca o desenvolvimento de produtos jornalísticos, citando três momentos diferentes ao longo da evolução do *webjornalismo*, classificando-os em: “produtos de primeira geração ou fase da transposição; produtos de segunda geração ou fase da metáfora e produtos de terceira geração ou fase do *webjornalismo*.” (MIELNICZUK, 2003, p. 31).

Mas, é importante salientar que essas fases não aconteceram de forma separada, conforme explica Mielniczuk (2003), pois ao mesmo tempo

encontravam-se publicações que se encaixam nas classificações definidas pela autora.

Um produto recém implementado, por exemplo, pode apresentar fortes características de produtos da terceira geração, assim como um webjornal que exista desde o início dos anos 90, pode ainda manter sinais de um produto de primeira geração, mas o contrário também pode acontecer. (MIELNICZUK, 2003, p. 32)

O *webjornalismo* primeira geração se refere aos jornais que apenas reproduziam sem adaptações no meio digital parte de seus conteúdos impressos, sendo atualizados de acordo com o fechamento do jornal. Em geral as matérias mais importantes do dia. A autora fala sobre a possibilidade de utilização do meio digital apenas como um espaço a ser preenchido, sem que os jornais explorassem esse meio.

A segunda geração encontra uma evolução nas plataformas digitais e o desenvolvimento da *internet* no país, o que leva a novas experiências quanto a formatos de produtos jornalísticos para a *web*. Ainda baseando-se nos jornais impressos, começam a ser exploradas novas possibilidades dentro do meio digital, como *links*, utilização de *e-mails* para interação com os consumidores e o uso do hipertexto, característico da *web*.

A terceira geração começa com a alta popularidade da *internet*, surgindo nesse momento sites jornalísticos que fogem aos moldes de jornais impressos, tendo suas próprias características elaboradas para o meio digital e quebrando completamente a ideia de apenas reproduzirem cópias de conteúdos do impresso. Mielniczuk (2003, p.34) observa que é nessa etapa que as potencialidades do meio digital começam a ser exploradas de forma a desenvolver da melhor maneira os produtos jornalísticos:

Apresentam recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; oferecem recursos de interatividade, como chats com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; disponibilizam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; apresentam a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também começam a empregá-lo na narrativa de fatos. (MIELNICZUK, 2003, p. 36)

É nesse momento também que o jornalismo digital começa a ganhar sua identidade e os veículos passam a mostrar de forma clara ao leitor as diferenças entre esse meio e os jornais impressos, destaca a autora. O setor passa a receber mais investimentos, com melhorias na infra-estrutura técnica. A autora também destaca o crescimento expressivo do número de usuários.

O *webjornalismo* continua a evoluir e se transformar em decorrência do aumento de usuários e os avanços tecnológicos, passando por um processo de customização de conteúdo, adequando esse meio também segundo os interesses do público de maneira individual, aponta Mielniczuk (2003, p. 44).

Ainda que o meio digital já esteja consolidado na produção de conteúdos jornalísticos, a confiabilidade desse meio é comprometida pela enorme quantidade de *Fake News* que circulam livremente pela rede. Uma pesquisa realizada pelo IBOPE Conecta<sup>12</sup> mostra que 90% dos usuários de *internet* no Brasil já receberam notícias falsas e destas, 57% eram notícias antigas que continuaram a circular como se fossem recentes.

Este meio encontra-se em constante desenvolvimento, pois acompanha as evoluções tecnológicas e as mudanças de comportamento da sociedade quanto ao consumo das notícias.

No entanto, conforme destaca Barbosa (2010, p. 24), citando Lemos e Lévy, essa evolução da *internet* possibilitou uma maior diversidade de conteúdos disponíveis, tornando-se um meio mais democrático e facilitando o acesso de todos a tais informações, anteriormente mais restritas.

E a internet foi um fator importante para essa mudança, já que se consolidou como um meio que permite a convivência entre conteúdo de todos os tipos de fontes, profissionais, amadoras, tradicionais etc. Os veículos de jornalismo estão, portanto, imersos nessa infinidade de conteúdo, tentando traduzir suas experiências e produtos tradicionais para o ambiente online. (BARBOSA, 2010, p. 24)

É importante destacar o papel dos portais jornalísticos acompanhando essa evolução e democratização das informações no espaço digital. No entanto, o próximo capítulo se aprofundará nos conceitos de portais e suas particularidades.

---

<sup>12</sup> IBOPE Conecta, acessado em 26/08/2020, <<http://ibopeconecta.com/9-em-cada-10-internautas-receberam-fake-news/>>

### 3.3 O QUE SÃO PORTAIS DE NOTÍCIA: CARACTERÍSTICAS DOS PORTAIS G1 E R7

Logo nos primeiros anos da *internet*, não era tão simples encontrar o que se procurava. Além do acesso por meio de provedores ser consideravelmente caro, a conexão era lenta e demorada, as ferramentas ainda estavam no início do desenvolvimento e, claro, a *internet* ainda não possuía tantos recursos como hoje em dia.

Dantas e Rocha (2016) apontam que foi a partir da necessidade de uma busca mais assertiva que nasceram os primeiros portais, que ganharam tal denominação por que “esses sites eram o meio de entrada para o ambiente online.”

Sem ter uma boa oferta de buscadores, o usuário se via navegando através dos endereços associados ao provedor de acesso. Classificaremos, aqui, esses portais como sendo do modelo ‘básico’ ou ‘genérico’, com oferta de e-mail, chat, algumas notícias – em sua maioria vindas de agências de notícias e sites parceiros –, busca e compras. (DANTAS; ROCHA, 2016. p. 6)

Herckovitz (2009, p.3) define os portais como “*websites* de notícias online de referência que oferecem conteúdos editoriais semelhantes aos da imprensa”, os quais abrangem boletins e notas, com conteúdos organizados por temas e acessados por meio de links e seções específicas, contendo produtos e serviços diversos. A autora também destaca a importante função de filtragem de conteúdo, além do fornecimento gratuito de conteúdo e a diferença em relação a outros veículos e produtos jornalísticos pertencentes aos mesmos grupos de comunicação.

Esses portais realizam uma importante função de gatekeeping já que eles filtram o excesso de informação disponível na internet e fornecem um pouco de sentido e direção gratuitamente para os leitores, enquanto os jornais da mesma empresa dona dos portais cobram pelos acessos. (HERCKOVITZ, 2009, p. 3)

Conforme já citado no capítulo anterior, no início os jornais viram a possibilidade de terem seus conteúdos do impresso também preenchendo um espaço no meio digital, mas esses conteúdos eram apenas reproduzidos da mesma maneira como eram publicados nos jornais impressos.

Aproveitando o momento de desenvolvimento e popularidade da *internet*, os veículos de comunicação passaram a enxergar uma oportunidade de expansão, e assim surgiram os primeiros portais jornalísticos brasileiros.

Além das características intrínsecas aos portais genéricos, esses portais contam com produção própria de notícias e dão maior destaque a esses conteúdos em sua homepage. Grandes conglomerados de empresas de mídia aproveitaram o modelo para dar mais destaque e integração aos variados veículos de seus sistemas. (DANTAS, ROCHA, 2016, p. 6)

O meio digital possibilitou que os conteúdos produzidos em diversos formatos, como TV, rádio e impresso, fossem migrados para os sites de notícias, tendo seus conteúdos todos em um espaço unificado. Os autores destacam o surgimento de dois portais que foram marcos históricos no desenvolvimento dos portais de notícias brasileiros.

O primeiro, em 1996, Universo Online (UOL), que até hoje é um dos principais portais nacionais, surgiu de uma iniciativa do Grupo Folha e fornecia acesso pago para seus assinantes. O IG (sigla para Internet Group), na virada do ano 2000, foi criado com a intenção de oferecer um provedor de internet de forma gratuita para o brasileiro. Na época de seu lançamento, IG era vendido ao público como sendo a abreviação de Internet Grátis. (DANTAS, ROCHA, 2016. p. 7)

Acompanhando o desenvolvimento da *internet*, esses portais passaram a ter conteúdos produzidos especificamente para eles, conteúdos esses que, muitas vezes, eram complementares aos produzidos para outros formatos do mesmo veículo.

Sales (2010, p. 25) reforça que outra característica dos portais é que, em sua estrutura, é possível perceber semelhanças com publicações impressas do mesmo meio, com a hegemonia do formato texto mais imagem nas publicações. Também há a divisão das matérias por editorias, seções específicas para utilidade pública, estas fixas e atualizadas regularmente, como previsão do tempo, programação e agenda cultural.

Mesmo quando se trata de portais de redes de televisão, como a CNN, a arquitetura dos sites segue os princípios básicos de um jornal impresso. As matérias são organizadas por editorias, separadas por áreas temáticas, como Economia e Política. Há também seções fixas com caráter de serviço, como informações de clima, programação cultural, empregos entre outros. Além disso, apesar de a internet permitir com muita facilidade o uso de diferentes mídias, como vídeo, a combinação texto e imagem ainda

predomina no jornalismo online, assemelhando-se à imprensa. (SALES, 2010. p. 25)

Os veículos utilizam os portais para armazenagem dos seus conteúdos, de maneira que estes possam estar disponíveis a qualquer momento, bastando uma pesquisa. Por ser uma ferramenta flexível, segundo a autora, a *internet* tornou-se um ambiente útil para a convergência das diferentes mídias de um mesmo veículo.

A autora frisa que este meio possui características próprias, que o diferem dos demais em relação ao consumo de conteúdos, “como a leitura não-linear, em que o usuário navega sem ordem ou lógica pré-determinada, fazendo desse consumo uma experiência mais personalizada e individualizada a partir dos interesses do leitor.” (SALES, 2010, p. 25)

É o leitor quem vai decidir a forma como consome a notícia, a partir de uma busca direcionada por conteúdos específicos de sua preferência. Através de *links* e *hiperlinks*, o usuário decide para onde vai, em quais seções deseja continuar sua pesquisa e “navega” conforme seus interesses. Em uma mesma notícia ele pode encontrar conteúdos relacionados que estendam o consumo a partir dos seus interesses. (SALES, 2010, p. 26)

A autora destaca outra característica dos portais: a instantaneidade, uma vez que estes são atualizados constantemente. Ainda que a característica de instantaneidade da notícia não seja apenas associada ao formato *web*, uma vez que o jornalismo já possui essa premissa do imediatismo, isso se intensifica com a velocidade dessas atualizações possibilitadas pela *internet*, além de as notícias estarem disponíveis mais rapidamente para o usuário.

Ou seja, o tempo entre fato e notícia é reduzido ao mínimo (on time) e a cobertura e atualização são constantes a todo momento (full time), por isso a internet passa a ser uma ferramenta importante para os veículos tradicionais acompanharem essa velocidade. (SALES, 2010, p. 27)

O que é priorizado nos portais, conforme aponta Sales (2010, p. 28), são as *hard news*, pois são notícias que envolvem temáticas de interesse público maior, com demandas como saúde, educação, política, violência, minorias, etc. Para o aprofundamento das temáticas, é característica também dos portais o uso da multimídia, com a integração de diferentes formatos de conteúdos, a fim de propor conteúdos mais atrativos visualmente e interativos.

Cada vez mais, os portais exploram recursos audiovisuais e interativos para complementar a experiências de consumo de notícias. Nesse contexto, enquadram-se os infográficos, trazidos do jornal impresso para o contexto digital, em que são permitidas interações do usuário com o conteúdo, muitas vezes alimentado por um banco de dados automatizados por um sistema. (SALES, 2010, p. 28)

Através desses recursos extras próprios da linguagem desenvolvida no jornalismo digital e que vão além do conteúdo produzido em outros formatos, os portais possibilitam uma experiência de consumo diferente pelos usuários, sendo hoje “uma das principais expressões dos veículos de jornalismo na *internet*”, completa Sales (2010, p.28).

### 3.3.1 Portal G1

O G1 é um dos principais portais de notícias brasileiro, mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo. Foi lançado em 18 de setembro de 2006, e disponibiliza o conteúdo de jornalismo dos diversos veículos de jornalismo do Grupo Globo, além de reportagens próprias em formato de texto, fotos, áudio e vídeo.

O portal se divide em conteúdos de editorias específicas, conteúdos selecionados por região, conteúdos de telejornais, da Globonews, blogs e colunas, podcasts, serviços, vídeos, *newsletter* e contém também espaço para especiais publicitários. Em 2008, a *homepage* da Globonews passou a ter o domínio do G1. No fim de 2010, o portal integrou as redes afiliadas ao *website*, com acesso para o Globo.com, GE e Gshow, conforme imagem indicada no anexo C.

Na *homepage* do portal, as primeiras opções disponíveis são o menu inicial, os links de direcionamento para Globo.com, GE, Gshow e vídeos do Globoplay e Globo Sat, ambos para assinantes. Também há a opção para assinaturas, *e-mail* e conta de assinantes, bem como uma aba buscadora.

A *homepage* contém algumas publicidades e mostra um banner mais destacado que direciona para a matéria principal do dia. Rolando para baixo é possível encontrar as demais matérias, por ordem de publicação, as mais recentes no topo e abaixo as mais antigas. Ao lado direito, em menor tamanho, encontram-se alguns destaques como vídeos, *podcasts*, *blogs* e colunas, notícias mais lidas, G1

em 1 minuto, entre outras que variam, como informativos a respeito do coronavírus, atualmente. A figura disponível no anexo D mostra essas características.

Em 2015, o portal ganhou um programa exclusivo na Rede Globo, o G1 em 1 Minuto, com as informações do site em boletins pela manhã e à tarde. Em 2019, o site passou a ganhar uma plataforma de podcasts, com análises e entrevistas sobre os grandes assuntos do cotidiano.

### 3.3.2 Portal R7

O R7 foi criado em 2009 e é também um dos principais portais brasileiros, sendo o nono site mais visitado no Brasil. Pertence ao Grupo Record e oferece conteúdos de notícias e entretenimento, contando com o apoio das estruturas da Record TV, da Record News e também de suas filiadas e afiliadas, que produzem matérias através de páginas regionais.

Na *homepage* do portal é possível encontrar no topo da página acessos aos perfis do portal no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, assim como uma aba buscadora para pesquisa. Também estão disponíveis acessos aos conteúdos de outros *sites* e *blogs* vinculados ao portal, como do JR 24h e suas editorias, e também conteúdos de entretenimento, *Lifestyle*, *Virtz*, esportes, *blogs*, programas da RecordTV e +R7, este último um espaço para assinantes. Também, em razão da pandemia, existe uma editoria chamada “Coronavírus”, com atualizações, conforme mostra a imagem no anexo E.

Logo no início da *home* existem alguns anúncios, com um *link* para acompanhar o Jornal da Record ao vivo, logo abaixo. Rolando a página, um pouco diferente do G1, várias notícias menores estão dispostas somente com os títulos para acesso, enquanto abaixo, com imagem e títulos, várias outras matérias estão dispostas na página. Veja detalhes no anexo F.

A parte direita também tem destaques em vídeo, espaço para publicidade, seguidas de mais pequenos links para diversas matérias. Seguindo abaixo, alguns destaques de conteúdos dos produtos que estão no topo da página, conforme já mencionado acima.

O R7 tem por finalidade principal a prestação de serviço, apostando em uma maior interatividade com os usuários através de interações nas redes sociais e um



contato mais próximo com o público, chegando a ser considerado em 2014 o segundo maior portal de conteúdo brasileiro.

#### **4 METODOLOGIA**

A primeira parte deste trabalho se dá através da pesquisa bibliográfica e documental. Uma vez definido o caso Elaine Caparroz para estudo, foi importante pensar em algumas questões para escolher de onde seriam retiradas as coberturas jornalísticas sobre o mesmo.

O corpus da pesquisa foi definido no primeiro semestre de 2019, pouco tempo depois de ter acontecido o caso Elaine Caparroz. O fato de ser um caso recente, que gerou comoção nacional e que teve uma grande exposição na mídia, além de não haver ainda trabalhos elaborados sobre ele, foram fatores determinantes para a escolha.

À princípio, para uma pesquisa mais assertiva, notou-se a necessidade de não abranger a análise em uma cobertura total da imprensa, mas de limitar a um veículo. A partir da percepção da necessidade de uma pluralidade maior, foram escolhidos para a busca das matérias dois veículos com características semelhantes, compartilhando um mesmo formato, mas pertencentes a grupos comunicacionais distintos. O portal G1 - pertencente ao grupo Globo - e o portal R7 - pertencente ao grupo Record de Comunicação - foram escolhidos por alguns critérios.

Primeiro, por serem concorrentes e pertencerem a emissoras diferentes, o que reforça a intenção em haver a pluralidade de linguagem para uma análise mais precisa sobre a cobertura; segundo, por serem ambos portais, o que assegura que não haja uma disparidade de conteúdo e cobertura de forma a comprometer a análise - reforçando que esta pesquisa não tenciona uma visão comparativa ou distintiva entre os dois veículos, mas intenta observar práticas e linguagem utilizadas em coberturas acerca de casos de violência contra a mulher na mídia em geral - ; e terceiro, pelo fato de serem gratuitos, sem que fosse preciso fazer uma assinatura para ter acesso ao material necessário para a análise. Este terceiro ponto também foi pensado em relação ao alcance desse conteúdo pelo público, uma vez que

conteúdos gratuitos atingem todas as classes sociais, sendo consumidos por uma maior parcela da população.

Uma vez definidos os locais de onde seriam retiradas as coberturas sobre o caso, em uma primeira pesquisa documental em ambos os portais foram selecionadas todas as matérias acerca do caso Elaine Caparroz, que foram catalogadas e separadas, somando um total de 93 matérias, entre coberturas com imagem, vídeo e texto, sendo 58 do G1 e 35 do R7.

Essas matérias se encontram em um curto espaço de tempo em que o caso repercutiu enormemente no Brasil. Pelo G1, a maior parte da cobertura foi feita entre 17 de fevereiro e 08 de março de 2019; pelo R7, a primeira data consta em 18 de fevereiro de 2019 e a última, mais recente, em 13 de março de 2020, data em que Elaine prestou o último depoimento.

Do total encontrado, fez-se necessário um recorte para análise. Como os portais abrangem matérias e conteúdos de outros veículos de comunicação e blogs pertencentes ao mesmo grupo, como por exemplo matérias feitas pelo Fantástico e Jornal Hoje dentro do G1, e matérias do Balanço Geral e Cidade Alerta dentro do R7, o primeiro recorte determinado foi analisar apenas os conteúdos assinados por repórteres dos portais, para assim termos a linguagem característica destes portais, excluindo-se matérias especiais e dos jornais pertencentes às emissoras. Isso diminuiu o número inicial para 29 do G1 e 7 do R7, excluindo-se também notas curtas, matérias sobre outros assuntos e que apenas citam o fato e resumos de notícias do dia.

A preferência desde o princípio foi para coberturas mais completas e em formato multimídia, a fim de possibilitar uma análise mais assertiva e com conteúdo suficiente para tal, mas esse recorte não pôde ser aplicado da mesma maneira para ambos os portais, pois os conteúdos são bem diferentes e o número de matérias assinadas pela redação do G1 é expressivamente maior do que as assinadas pela redação do R7, sendo 22 do primeiro e 7 no segundo.

O próximo recorte excluiu matérias que partiam de depoimentos, entrevistas e declarações de fontes oficiais, parentes e amigos da vítima, assim como as matérias sobre o agressor e relacionadas à família e amigos do mesmo, limitando-se apenas à vítima. Isso se justifica pelo fato de que todo o trabalho, desde o princípio, tem a intenção de destacar a vítima, Elaine Caparroz, que é o objeto central da análise do caso. A pesquisa também intenta analisar a construção narrativa ao retratá-la e a

abordagem utilizada na produção das notícias. Este último recorte limitou o número de matérias do G1 para 4, e do R7 para 2, as quais serão analisadas na próxima fase da pesquisa.

#### 4.1 ANÁLISE PRAGMÁTICA DA NARRATIVA NO JORNALISMO

A narrativa, definida amplamente segundo Squire (2014, p. 273), é “uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais.”

As diferentes narrativas presentes no jornalismo não são meramente passivas mas, de forma objetiva e subjetiva, traduzem ao público receptor aspectos e fatos para uma compreensão do mundo, potencializando os atos de fala, defende Motta:

Quando uma narrativa é enunciada, acontecem mais coisas que apenas a expressão do seu significado, pois o conjunto de fundo também é alterado. A contribuição que uma enunciação fornece à mudança do contexto é a força ilocucionária, ou potência do ato de fala. (MOTTA, 2017, p. 20)

Motta (2017, p.49) também destaca que o leitor reconfigura a narrativa a partir da leitura, pois cada um tem a sua própria interpretação, sendo assim, cada fala é singular e esta singularidade está inserida em um contexto que depende da circunstância em que o receptor se encontra. O autor destaca que aquilo que é falado não será necessariamente o que acaba por ser comunicado.

Os atos de comunicação (incluindo a narração) são regidos por acordos implícitos entre os interlocutores que tornam possível entender o significado literal, mas também inferir outras significações a partir da força ilocutiva do enunciado. Esse acordo virtual revela a intenção de quem fala e sugere uma interpretação cooperativa de quem lê, vê ou escuta uma história. Ajustamos automaticamente esses acordos em nossas relações cotidianas com os nossos diversos interlocutores, readaptando continuamente as nossas expectativas e as deles, tornando cada fala um ato de comunicação singular e circunstancial. Assim, o que se diz não é necessariamente o que se comunica em cada situação: há diversas implicaturas e pressuposições insinuadas, gestos, dêiticos, etc. (MOTTA, 2017, p. 51)

O fato de a narrativa possuir uma natureza criativa pressupõe, segundo o autor, um direcionamento no sentido da leitura. Tais narrativas partem de uma estrutura textual que utiliza de recursos, como as figuras de linguagem,

dramatização e o uso de metáforas, para causar no leitor alguns efeitos e reações, a fim de tornar a narrativa mais chamativa ao leitor, que pode ou não se identificar com ela.

Esses recursos utilizados de maneira intencional caracterizam uma “dimensão pragmática da comunicação narrativa”, segundo Motta (2017, p. 52), ou seja, significados que se dão a partir da correlação entre intencionalidade do narrador e a compreensão do receptor. A comunicação propiciada a partir das narrativas tem a finalidade de despertar reações no público receptor, podendo ser positivas, se a narrativa já reforça aquilo que o leitor acredita, ou negativas, quando causam o efeito contrário.

A intenção da análise pragmática, portanto, é considerar ambos os sujeitos, narrador e o receptor, na construção dos sentidos encontrados nas diferentes narrativas jornalísticas. Motta ressalta que, na análise, é importante conhecer o papel social dos sujeitos, a fim de entender as intenções de fala e as relações de poder entre eles, uma vez que ambos desempenham papel fundamental na construção dos sentidos da narrativa.

Diferente da teoria literária clássica, na pragmática, o narrador é um sujeito real que atua no momento em que emite a sua narração, com seus valores, vontades históricas e uma performance comunicativa concreta.<sup>29</sup> Da mesma maneira, o destinatário é também um sujeito (ou sujeitos) ativo que se engaja no ato comunicativo por vontade própria, com sua memória, seus valores e ideologias. (MOTTA, 2017, p. 55)

O autor também destaca que, apesar de o sujeito narrador ser quem inicia o ato de fala, com suas intencionalidades e recursos para levar o receptor ao entendimento que ele deseja, tal receptor também tem papel ativo nesse processo, uma vez que ele também toma a iniciativa e tem seus próprios interesses ao consumir o conteúdo.

Motta (2017, p. 53) destaca a importância de entender essa correlação entre os sujeitos a fim de formular uma análise crítica sobre a narrativa, uma vez que os sentidos não são produzidos somente pela parte narradora, mas por ambos:

Ambos sujeitos estão imbuídos do desejo de produzir sentidos e, neste sentido, são protagonistas do ato comunicativo. A correlação de forças entre eles pode ser simétrica ou assimétrica, hierárquica ou igualitária, predominando a cooperação ou o conflito. Identificar os lugares que os sujeitos interlocutores ocupam hierarquicamente, seus papéis sociais, suas motivações, a correlação de poder entre eles no ato narrativo é o primeiro

passo que um analista precisa dar ao se propor uma interpretação crítica. (MOTTA, 2017, p. 56)

A comunicação passa a ser completa quando as intenções do narrador são entendidas pelo receptor, uma vez que, ao contar uma história, o emissor tenciona causar sensações e impactar de alguma maneira quem está recebendo a mensagem, diz o autor.

Todo ato comunicacional parte da intenção de quem fala, do desejo de transmitir não só uma história, mas possibilitar uma compreensão de mundo a partir da visão do locutor. Para Motta (2017, p. 57), “o analista pragmático precisa identificar no texto pistas e traços que indutivamente lhe permitam chegar até as intenções de um narrador diante de um (ou vários) destinatários.”

A narratologia procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da compreensão e expressão narrativa da realidade, inclusive através da mídia. Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e opções (modos) linguísticas e extralinguísticas para realizar certas intenções e objetivos. (MOTTA, 2007, p.144)

Motta (2007, p. 145) afirma que existe uma estratégia na construção das narrativas comunicacionais, através do uso de estratégias e recursos, incluindo a organização textual, que implica no direcionamento de uma determinada interpretação por parte do interlocutor, de acordo com as intenções do narrador. O autor reforça que “a organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória.” (2007, p. 145)

De acordo com os procedimentos da análise pragmática da narrativa propostos por Motta (2007), a presente pesquisa busca observar um conjunto de notícias sobre determinado tema que, quando analisadas em unidade, se apresentam como um “acontecimento único e singular.” (2007, p. 146)

O autor defende que esse método de análise não é apenas uma mera justificativa para a metodologia, mas se baseia em como o receptor consome tais notícias, e na forma como ele recria a realidade a partir da percepção desse material como um todo.

Ao ler/ver/ouvir as notícias de hoje, as pessoas associam os fatos, causas e consequências, põem os episódios de hoje nas histórias de ontem, relacionam pontos, associam antecedentes e consequentes, demarcam

começos e finais de histórias temáticas.[...] As notícias unitárias passam a ser parte de um acontecimento integral. (MOTTA, 2007, p. 146)

Segundo Motta (2007, p. 146), não existe uma narrativa que não possua uma intencionalidade por parte do narrador. Essa análise proposta por Motta, portanto, deve procurar compreender quais são as técnicas utilizadas nas narrativas e a intencionalidade de quem as produziu, não desconsiderando que há sempre o lado interpretativo por parte do receptor, ou seja, a comunicação em si, a troca entre as partes.

Para melhor observar tais características, Motta (2007, p. 147) propõe um procedimento de análises específicas composto por seis movimentos, dos quais utilizaremos apenas os quatro primeiros para a análise das matérias a seguir, uma vez que estes dedicam-se a observar o papel do narrador apenas, sem estender a análise para as possíveis interpretações do receptor, o que não se aplica ao objetivo da pesquisa.

Portanto, os dois últimos movimentos não serão utilizados nas análises. A seguir, uma apresentação dos movimentos propostos pelo autor:

1º movimento: Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico

Neste primeiro movimento o autor destaca que os assuntos não seguem uma regra para se destacarem no noticiário, podendo aparecer por períodos mais extensos ou curtos, sumindo e surgindo novamente após um certo tempo. Diferentemente de filmes, que possuem uma história fechada e seguem, em sua maioria, uma linha cronológica, as notícias do dia a dia são partes de um todo. Motta (2007, p. 147) reforça que “as notícias são assim fragmentos dispersos e descontínuos de significações parciais.

Desse modo, para que seja feita uma análise a partir desse movimento, o autor destaca:

Na análise da narrativa jornalística é preciso, pois, conectar as partes, identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese (compreender a diegese ou a projeção de um mundo a partir do enredo e das sugestões que dele emanam). (MOTTA, 2007, p. 147)

É preciso analisar, segundo Motta (2007, p. 148), a recorrência de determinados assuntos em notícias isoladas, que se apresentem continuamente, de uma maneira singular. O autor salienta que, além do tema, existem outros elementos

na construção da narrativa que podem aparecer com a mesma frequência. Para ele, “essa recorrência pode ser procurada também nas circunstâncias, personagens, cenários, situações e nos encaixes (ganchos) da sucessão de estados de transformação.” (MOTTA, 2007, p. 148)

A partir da observação de tais recorrências, Motta (2007, p. 148) aponta que a análise passa a ser observada por meio de uma síntese que reconstrói o enredo de maneira coerente e cronológica, constituindo uma história integral. A essa nova síntese, o autor chama de acontecimento jornalístico.

Ao recompor a história, privilegiam-se certos elementos de composição, como a sintaxe e a lógica narrativa decorrentes da estratégia textual. Pode-se já observar de maneira sistemática e rigorosa as conexões e associações que o objeto (recomposição narrativa) vai sugerindo. Essa remontagem da história permite a observação de um fundo de significações parciais da narrativa que modificam o objeto observado. (MOTTA, 2007, p. 149)

Motta (2007) finaliza destacando que o objeto analisado é reconstruído e ganha novos significados a partir da reestruturação da intriga.

2º movimento: Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios

O autor destaca o conflito como o elemento central que estrutura qualquer narrativa, principalmente no que se refere a narrativas jornalísticas. A partir de um conflito a narrativa se desenrola, trazendo conflitos e dando segmento às histórias, o que desperta o interesse do público, gerando, segundo Motta (2007, p. 149), uma expectativa que irá manter o assunto na mídia.

Motta (2007, p.149) aponta que, quase sempre, a narrativa jornalística parte de um fato dramático, algo que tira o leitor da normalidade, que gera desconforto no público e divide opiniões.

Há sempre pelo menos dois lados em confronto em quase todo acontecimento jornalístico. Há sempre interesses contraditórios, algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou estabilidade anterior que gera tensão. Em torno do ciclo equilíbrio-desequilíbrio gira a narrativa jornalística. (MOTTA, 2007, p. 150)

É necessário que a análise possa identificar e separar os conflitos principais dos secundários, a partir da nova síntese gerada com base no primeiro movimento. “O analista trabalha agora com a sua própria recomposição do acontecimento, que

confrontará permanentemente com as notícias originais para construir sua interpretação.” (MOTTA, 2007, p. 150).

Identificados os conflitos, evidencia-se a funcionalidade dos mesmos dentro da narrativa, que é reconstruída de maneira a ser analisada como um todo, podendo se perceber as conexões entre os elementos de cada notícia. Esses elementos, segundo o autor, podem revelar funções como “equilíbrio, complicação, clímax, resolução, vitória, desfecho, punição, recompensa e assim por diante.” (MOTTA, 2007, p. 150)

Motta reforça que, dentro das narrativas jornalísticas, essas funções evidenciadas após a recomposição da história pelo analista “podem estar em uma única notícia ou em um conjunto delas.” (MOTTA, 2007, p. 151)

### 3º movimento: A construção de personagens jornalísticas (discursivas)

Esse terceiro movimento aponta o reconhecimento de personagens e suas funções na narrativa, o que acontece de maneira simultânea com a identificação dos elementos reconhecidos a partir do movimento anterior. Motta (2007, p. 152) destaca que esses personagens executam funções dentro da narrativa, portanto, a identificação dos conflitos determina também qual a função dos personagens ao longo da narrativa. Estes personagens “podem ser identificados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, ajudantes, etc.” (MOTTA, 2007, p. 152)

O autor pontua que, comumente, os personagens são individualizados nas narrativas jornalísticas, tornando-se o ponto central da história, e que a análise deve observar e evidenciar a construção desses personagens através dos recursos utilizados pelo narrador, ou seja, a versão apresentada e não o fato em si.

Lembrar que estamos analisando uma narrativa jornalística, como as notícias constroem personagens, conflitos, combates, heróis, vilões, mocinhos, bandidos, punições, recompensas. Não estamos fazendo uma análise da realidade histórica em si mesma. Nosso objeto é a versão, não a história. (MOTTA, 2007, p. 152)

Motta (2007, p. 153) aponta que, diferentemente da literatura, a narrativa jornalística não permite uma construção de personagem apenas pelo viés de quem conta a história, pois parte de fatos, de pessoas reais. Ele reforça que o jornalista precisa ser fiel à realidade, pois é responsável pela imagem do personagem que está sendo construída na mente do receptor.

### 4º movimento: Estratégias comunicativas



Neste movimento o autor reforça a diferença entre a ficção, em que a presença do narrador é evidente, e a narrativa jornalística, em que há o distanciamento dessa figura dentro da notícia em razão da objetividade do discurso. “Ele narra como se a verdade estivesse ‘lá fora’, nos objetos mesmos, independente da intervenção do narrador: dissimula sua fala como se ninguém estivesse por trás da narração.” (MOTTA, 2007, p. 155)

Motta (2007) aponta que o jornalista é um “narrador discreto”, portanto, dispõe de meios que não evidenciem sua presença como mediador da história. O autor também afirma que existe sempre uma intencionalidade na retórica jornalística por meio do uso de certos recursos, direcionando a leitura.

Neste sentido afirmamos que o jornalismo é uma linguagem argumentativa e não há um estilo jornalístico, mas sim uma retórica jornalística. Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística. (MOTTA, 2007, p. 155)

Mas, ao final, é o leitor quem vai concluir e ponderar suas percepções da obra, pondera o autor. “O texto é um conjunto de instruções que o leitor recria de modo ativo”, esclarece Motta (2007, p. 155-156). Neste sentido, o autor lembra que o analista precisa observar a narrativa colocando-se no lugar de um leitor perspicaz.

Esse quarto movimento propõe analisar as narrativas “como jogos de linguagem, estratégias de constituição de significações em contexto, independente do seu caráter real ou fictício”, destaca Motta (2007, p. 156). E é por meio da análise desse jogo entre narrador e receptor que é possível definir quais os sentidos produzidos pelo leitor; o que pretende evidenciar a análise pragmática da narrativa.

Motta (2007, p. 156) destaca duas estratégias textuais que indicam a produção de sentidos das narrativas. O primeiro aponta as “estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real”, que tem o propósito de apresentar os fatos como verdade ao leitor/ouvinte, utilizando-se de recursos como o relato factual, como uma forma de possibilitar ao leitor um melhor entendimento da realidade à sua volta.

O jornalismo observa o mundo desde o atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro. Opera uma mediação que é, ao mesmo tempo, linguística e temporal. Oferece ao leitor um lugar empírico desde onde se pode observar o mundo, compreender o passado e especular sobre o futuro. Oferece ao homem moderno, na sua dispersão evasividade, uma forma de compreender seu mundo e sua existência. (MOTTA, 2007, p. 156)

É fundamental ao analista, portanto, reconhecer e evidenciar quais são as estratégias da narrativa jornalística que fazem com que o leitor interprete a obra com o sentido de de real, como o uso de citações recorrentes, o referencial a lugares e personagens (onde e quem), nomes próprios e até a data e horários precisos, destaca Motta (2007, p. 157-158).

A segunda estratégia citada por Motta (2007, p. 159) é denominada como “estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos”, o que dá o sentido da representação do bom e do mau - heróis e vilões - na sociedade por meio do jornalismo.

O autor ressalta a importância da reconstrução das narrativas individuais por parte do analista, a fim de que essa se torne uma sequência cronológica e completa, uma vez que, conforme explica o autor, o jornalismo não resolve conflitos, apenas apresentando-os e os deixando sempre para interpretação e conclusão do receptor. Motta salienta que essa reconstrução “é um movimento epistemológico que ressubjetiva o discurso jornalístico ao conferir-lhe o estatuto de uma história com princípio, meio e fim e ao resgatar o seu fundo moral.” (MOTTA, 2007, p. 159-160)

Essa reconstrução por parte do leitor, segundo Motta (2007, p. 160), também se associa à memória cultural, ou seja, às referências do público que, juntamente com os recursos utilizados nas estratégias comunicacionais do narrador, remetem a significados subjetivos, proporcionando uma aproximação do leitor com o personagem/a história narrada ao humanizar fatos.

A linguagem jornalística é por sua natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária. Observe os títulos do jornal ou as chamadas do telejornal de hoje para comprovar essa afirmação. Intencionalmente ou não, geram nos leitores inúmeros efeitos de sentido emocionais. Recursos linguísticos e extralinguísticos remetem os receptores estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. (MOTTA, 2007, p. 160)

Motta (2007, p. 160) salienta que são as estratégias utilizadas, seja o artifício do real ou da retórica jornalística, por meio de títulos, textos, imagens, termos, pontuações, metáforas e quaisquer recursos utilizados na notícia, que induzem o receptor a ter diferentes tipos de comoção em resposta à narrativa.

Os dois últimos movimentos serão brevemente apresentados a seguir a título de ambientação acerca do método, porém, não serão utilizados para as análises das

matérias por se tratarem de análises a respeito da percepção do leitor/público, o que, destaco uma vez mais, não faz parte dos objetivos da pesquisa.

#### 5º movimento: A relação comunicativa e o “contrato cognitivo”

Diferentemente dos quatro primeiros movimentos, o quinto se refere à relação comunicacional entre narrador e leitor/público, com a atenção para “o jogo entre as intencionalidades do narrador e as interpretações e reconhecimentos da audiência”, conforme explica Motta (2007, p. 161).

O texto torna-se apenas o nexos de uma atividade interativa entre dois interlocutores (narrador e narratário) que realizam um processo, um ato comunicativo. O enquadramento ou abordagem jornalística são analisados como parte da estratégia comunicativa. (MOTTA, 2007, p. 161).

Motta (2007, p. 163) comenta que, por meio da imaginação do receptor, é feita uma interpretação da narrativa, sendo esta reconfigurada e ganhando sentido a partir de seus referenciais, do meio em que vive e de contextos sociais, e que a análise deve “concentrar-se na observação do entorno ou situação espaço-temporal onde se realiza a relação comunicativa para compreender as circunstâncias do ato de comunicação.” (MOTTA, 2007, p. 163)

6º movimento: Metanarrativas - significados de fundo moral ou fábula da história

Motta (2007, p. 164) explica que “toda narrativa, seja ela fática ou fictícia, se constrói contra um fundo ético e moral”, reforçando que isso se apresenta também na narrativa jornalística, ainda que esta esteja sempre em busca da imparcialidade. Esse fundo, ético, moral ou simbólico, segundo o autor, direciona as diversas interpretações, podendo induzir a uma fuga do sentido real:

Talvez com maior frequência do que se pensa, estimulados pela linguagem dramática do jornalismo (verbal e imagens) leitores, ouvintes e telespectadores se evadem das determinações históricas, penetram transitoriamente em universos imaginários afetivos, experimentam fugazmente o campo da intemporalidade e das indeterminações. O referencial se esvaece e pode acontecer uma fuga transitória dos receptores do mundo da vida para mundos simbólicos e míticos. (MOTTA, 2007, p. 165-166)

Partindo, portanto, dos primeiros quatro movimentos propostos por Motta (2007) na análise pragmática da narrativa jornalística, pretende-se a partir desta pesquisa entender a construção narrativa acerca do caso Elaine Caparroz pelos

portais de notícia G1 e R7, para que seja respondida da melhor forma a questão proposta pela pesquisadora: “como são abordadas as pautas sobre violência contra a mulher na mídia, com relação aos direitos humanos?”

A presente pesquisa tenciona identificar o uso de recursos específicos e estratégias jornalísticas, a repetição, a construção, a linguagem, ou seja, o modo como se apresentam as narrativas, de maneira a reconstruir essas narrativas, reconhecendo as intencionalidades por trás dos narradores. Essas estratégias serão analisadas a partir dos quatro primeiros movimentos propostos por Motta (2007).

## 5 ANÁLISES

Das matérias referentes ao caso, foram escolhidas seis para análise, de acordo com os critérios definidos para o recorte, descritos anteriormente no capítulo quatro, dedicado à metodologia. Essas matérias serão analisadas uma a uma, a fim de proporcionar uma observação individual nos elementos de cada narrativa, sendo essa análise feita a partir do método de Análise Pragmática da Narrativa, proposto por Motta (2007).

Concluída cada análise individual, é realizada uma análise do conjunto de reportagens de cada veículo, para que a narrativa jornalística como um todo possa ser observada, de maneira a possibilitar uma compreensão melhor sobre a perspectiva dos direitos humanos sobre casos de violência contra a mulher, conforme a proposta inicial da pesquisa destaca. Os prints das matérias constam em anexo.

G1 - ANÁLISE 1: Paisagista espancada em apartamento na Barra tem alta médica<sup>13</sup>

A data de publicação da primeira matéria analisada é 22 de fevereiro de 2019, seis dias após o acontecimento do caso. A matéria é assinada pela jornalista Cristina Boeckel, repórter do G1 Rio de Janeiro, e está na aba de notícias do portal.

Já no título é possível observar que o nome de Elaine não é citado, referindo-se a ela pela profissão “paisagista”. Outro ponto a se destacar é a

---

<sup>13</sup> G1 - Paisagista espancada em apartamento na Barra tem alta médica. Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/22/paisagista-espancada-em-apartamento-na-barra-deve-receber-alta-nesta-sexta-feira.ghtml>> acessado em 24/11/2020

evidenciação da zona nobre do Rio de Janeiro onde fica o apartamento em que Elaine morava, na Barra da Tijuca.

A gravata explica que o suspeito das agressões está aguardando a avaliação psicológica e que a polícia espera o quadro médico de Elaine apresentar melhoras para que ela preste depoimento. Abaixo da gravata da matéria há um vídeo curto que mostra a vítima deixando o hospital, cercada de dezenas de pessoas e com a imprensa concentrada do lado de fora, por onde o carro em que ela estava passa ao deixar o hospital. A legenda do vídeo traz a frase “*Paisagista vítima de agressão deixa hospital no Rio*”.

No começo da matéria, pela terceira vez, a profissão de Elaine é citada antes do nome. O primeiro parágrafo traz informações sobre a alta de Elaine no dia 22 de fevereiro de 2020. O texto segue com a afirmação de que ela foi “espancada dentro do próprio apartamento” - estas palavras estão em destaque por um *hiperlink* que direciona para um conteúdo do Fantástico sobre o caso -, seguido novamente pela indicação da zona em que se localiza o imóvel.

De acordo com os movimentos propostos por Motta (2007), os quais utilizamos aqui para analisar as narrativas, é possível observar a construção da personagem de Elaine como paisagista.

A escolha dessa repetição, de acordo com o terceiro movimento, que aponta as estratégias para construção da personagem, indica que tal recurso sugere o status social da vítima, mais do que apenas um meio que poderia ser utilizado para proteger sua imagem, uma vez que as fotos de Elaine e vídeos são mostrados repetidamente em meio às matérias. E seu nome, assim como o local onde vivia, foram expostos desde o início das coberturas.

As estatísticas sobre o feminicídio no Brasil apontam que os crimes são cometidos, em sua maioria, pelos parceiros das vítimas, com históricos de agressões físicas em um contexto de violência doméstica, conforme aponta o Mapa da Violência contra a Mulher de 2018<sup>14</sup>. Vale lembrar que não era o caso de Elaine Caparroz, cujo agressor, acusado por tentativa de feminicídio, não tinha um relacionamento de proximidade física com a vítima antes de a conhecer pessoalmente no dia das agressões. Entretanto, eles mantiveram por vários meses

---

<sup>14</sup> Mapa da Violência contra a mulher, 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf>> Acessado em 12/12/2020.

um relacionamento virtual com demonstrações de afetividade, sendo uma relação de confiança por parte da vítima, o que qualifica um relacionamento real entre ambos, ainda que no meio virtual, por construir laços e sentimentos reais.

O segundo parágrafo cita brevemente que Elaine foi “violentamente espancada durante um encontro”, mas não traz maiores explicações sobre o caso. O próximo parágrafo segue se referindo à Elaine como “a vítima” e “a paisagista”, e falam brevemente sobre o estado de saúde dela. O parágrafo seguinte traz falas do médico, doutor Ricardo Cavalcanti, responsável pela clínica em que Elaine esteve internada. Ele explica que “a parte clínica está estabilizada, a parte emocional talvez tenha um caminho pela frente.” Mesmo após esse recurso das aspas para trazer mais veracidade ao discurso, não há nenhuma indicação sobre quais seriam as consequências emocionais a que se refere o médico. O enfoque é sobre os ferimentos físicos sofridos por Elaine, pela questão da brutalidade com que ela foi ferida. No entanto, a fala do médico deixa claro que as sequelas vão muito além do físico, trazendo consequências psicológicas e emocionais mais profundas e sérias.

Na sequência, há mais um vídeo. Desta vez, uma reportagem do Jornal Hoje falando sobre a alta de Elaine do hospital no dia 22 de fevereiro, uma semana após o ataque sofrido por ela. A legenda abaixo do vídeo, mais uma vez, destaca “mulher agredida”, sem se referir ao nome de Elaine.

Tais repetições, como destaca o primeiro movimento sobre a recomposição da intriga ou do acontecimento, devem ser analisadas de maneira isolada em cada uma das matérias, pois se repetem como uma maneira de determinar um sentido de leitura e compreensão do fato.

O próximo parágrafo traz, pela primeira vez, o nome do agressor, que é chamado até o momento de suspeito. Em seguida, o próximo parágrafo começa chamando os dois de casal, explicando que mantiveram um relacionamento a distância por cerca de oito meses antes do primeiro encontro.

O termo casal causa estranheza ao inferir de maneira implícita uma “romantização” do relacionamento de Elaine e Vinícius. De forma subjacente, indica uma ideia de já haver um relacionamento, uma proximidade, a existência de afeto. Isso se destaca quando relacionado aos casos de violência contra a mulher em geral, nos quais, conforme explica Souza, os agressores utilizam da justificativa do afeto ao cometerem tais violências:

Há ainda que se destacar o uso da violência como uma forma de demonstração de afeto, que é usado como um argumento justificador da agressão. A relação de amor, que é transgeracional e entendida como um amenizador da relação abusiva, compõem o ciclo de violência, a fim de amenizar/justificar o abuso sofrido pela mulher [...] (SOUZA, 2019, p. 64)

No parágrafo citado anteriormente, também é explicado que o agressor, Vinícius, foi preso em flagrante.

A seguir há uma explicação sobre o acompanhamento do agressor até aquele momento, seguida de uma imagem replicada das redes sociais de Vinícius. Na legenda da foto, ele é chamado pelo nome.

No parágrafo a seguir a autora destaca que a polícia tem conhecimento de outra passagem de Vinícius pela polícia, mais uma vez, chamando-o pelo nome, enquanto o parágrafo a seguir, novamente, começa com o termo “*a paisagista*”.

Conforme destaca Motta (2007), ao perceber a recorrência de certos termos, é preciso identificar de que maneira esses recursos constroem a leitura dos personagens. O autor, citando o que diz Mesquita (2002), aponta que “o jornalista deve respeitar os dados do ‘real’ mais que o romancista e isso porque é responsável pelas imagens que estão em construção.”

Tal como o cidadão comum ordena os dados de seu *curriculum vitae* de acordo com seus objetivos, o jornalista possui igualmente liberdade ao modelar o “retrato” que constrói de uma pessoa pública. O perfil ou “retrato” jornalístico envolve uma dimensão de pesquisa e inquérito, mas não é mera reprodução ou reflexo do “real”, é uma construção que mobiliza a subjetividade do repórter. (MOTTA, 2007, p. 154)

Por fim, uma foto mostra o carro de Elaine deixando o hospital, desta vez, com a legenda se referindo à ela pelo nome.

É interessante observar que as imagens, complementando o texto, também produzem significados para o público. É possível observar o veículo de alto padrão que deixa o hospital transportando Elaine. A legenda reforça novamente que o carro é dela, o que pode inferir, uma vez mais, a sugestão do padrão de vida de Elaine.

Motta (2007, p.151) reforça que o narrador sempre terá suas intencionalidades no texto, em qualquer tipo de narrativa, por mais neutra que possa parecer. Entretanto, no jornalismo se faz necessário um distanciamento desse narrador, que é sempre muito discreto, uma vez que a objetividade é primordial na construção de narrativas jornalísticas.

Estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos (o efeito de real ou os efeitos poéticos). Neste sentido, afirmamos que o jornalismo é uma linguagem argumentativa e não há um estilo jornalístico, mas sim uma retórica jornalística. Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística. (MOTTA, 2007, p. 151)

Ao longo da análise da primeira notícia, é possível identificar a classe social da personagem principal sendo sugerida por meio das repetições acerca da região onde vive, do apartamento que possui, da profissão que indica que Elaine tem uma formação superior. Conforme citado anteriormente, existem alguns recursos utilizados na narrativa que inferem o sentimento de inquietação ao leitor. A violência em si já gera uma quebra de padrões, um desconforto ao leitor. Entretanto, o caso de Elaine mostra uma desconformidade ainda maior em relação aos casos de violência contra a mulher, uma vez que, conforme apontam estudos como o citado a seguir, a violência de gênero não é comum entre mulheres de classes sociais mais elevadas, com alto grau de escolaridade e financeiramente independentes, como é o caso de Elaine. A violência contra a mulher se intensifica nas camadas menos favorecidas da sociedade, conforme explicam Acosta, Barlem e Gomes (2013):

Sabe-se que a violência resulta da interação de inúmeros fatores que atuam sobre o comportamento, aumentando ou diminuindo a probabilidade das pessoas tornarem-se vítimas ou agressores. Portanto, a baixa escolaridade, as desigualdades sociais, o uso de drogas, a infraestrutura precária na comunidade parece exacerbar este fenômeno, aumentando o risco das mulheres que vivenciam essa situação. (ACOSTA, BARLEM, GOMES, 2013, p. 548)

O caso, a violência e a tentativa de feminicídio, a brutalidade das agressões sofridas por Elaine, por si só, já são elementos suficientes capazes de chamar a atenção do público, causando um impacto. Conforme destacado no segundo movimento, Motta (2007, p. 149) explica que “o conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente da jornalística, que lida com rupturas, descontinuidades, anormalidades.” Esse conflito central é o que liga as narrativas acerca do fato, entretanto, o que pode-se perceber é que as narrativas parecem não se atentar ao fato de que existe uma outra anormalidade que aparece implicitamente



ao longo da construção da história: o fato de Elaine não se encaixar no padrão de mulheres que sofrem esse tipo de violência.

G1 - ANÁLISE 2: 'Logo, logo eu estou numa boa', diz em vídeo mulher espancada dentro de casa na Barra da Tijuca<sup>15</sup>

A segunda matéria data de 19 de fevereiro de 2019, logo nos primeiros dias após o acontecimento do caso, e é assinada pelo repórter do G1 Rio, Daniel Silveira. Em seu título ela traz uma citação da própria Elaine Caparroz. Conforme explica Motta (2007) ao falar sobre as estratégias de efeito de real, no quarto movimento, o recurso é comumente utilizado na narrativa jornalística como forma de transmitir veracidade. Nota-se uma vez mais um título que não traz o nome de Elaine, mas refere-se a ela como “mulher espancada”. O status social é novamente evidenciado quando o local em que Elaine morava é citado, uma vez que a Barra da Tijuca é conhecida por ser uma região nobre do Rio de Janeiro.

A linha de apoio refere-se uma vez mais a Elaine como paisagista e fala brevemente sobre ela ter sido espancada no primeiro encontro por Vinícius, contendo o nome completo e idade do rapaz.

Logo após a linha de apoio há uma matéria em vídeo do Telejornal do Rio de Janeiro RJ1. É possível ver já no início um vídeo que foi publicado em uma rede social, com imagens gravadas em formato *selfie* por Elaine, que está em trajes hospitalares. As marcas em seu rosto ainda estão bastante evidentes e ela repete a frase utilizada no título da matéria “logo, logo estou numa boa”. Na sequência, o irmão de Elaine, Rogério Caparroz, dá uma declaração curta na saída do hospital, já dentro do carro, explicando que ela ainda está muito abalada. A matéria segue contextualizando o caso enquanto imagens do apartamento ensanguentado, de Vinícius e da entrada do condomínio em que o fato ocorreu são exibidas.

Já no primeiro parágrafo nota-se uma indicação implícita a respeito da diferença de idade entre Elaine e Vinícius, pois a idade dela (55 anos) é citada, enquanto o agressor é chamado de “jovem”. É interessante destacar também que nesse primeiro parágrafo há a indicação de que era o “primeiro encontro”. O

---

<sup>15</sup> G1 - 'Logo, logo eu estou numa boa', diz em vídeo mulher espancada dentro de casa na Barra da Tijuca. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/19/paisagista-espancada-no-primeiro-encontro-com-jovem-diz-em-video-que-esta-se-recuperando.ghtml>> Acessado em 24/11/2020

parágrafo segue indicando que Vinícius era um jovem que ela conheceu pela *internet*.

É necessário que sejam contextualizados todos os fatos que dão sequência aos acontecimentos, de forma a esclarecer como aconteceu o crime. A narrativa jornalística busca responder às perguntas quem, o quê, onde, quando, como e por quê; portanto, é fato que Elaine e Vinícius tiveram seu primeiro encontro na noite em que o crime aconteceu e que este é um ponto importante na construção da narrativa.

No entanto, Cunha e Ferreira (2018) destacam que é importante que se tomem alguns cuidados com a forma como são apresentadas essas informações, para evitar que a violência acabe por ser interpretada como “justificável”, pelo fato de que era o primeiro contato com um desconhecido da *internet*. Conforme apontam os estudos de Cunha e Ferreira, alguns termos podem ser indicativos de um discurso que tende a reforçar a culpabilização da vítima:

Percebemos, então, que, quando uma mulher sofre algum tipo de abuso ou violência e surge, diante deste cenário, discursos argumentativos que questionam seu comportamento, suas atitudes, suas vestimentas, na tentativa de colocar a vítima como facilitadora ou provocadora do delito, há nitidamente uma inversão na responsabilidade da culpa, baseada, exclusivamente, nos estereótipos femininos criados e sustentados por uma sociedade ainda patriarcal. (CUNHA, FERREIRA, 2018, p. 7)

As autoras enfatizam que é criada assim a imagem de uma “vítima culpada”, quando esta não se comporta de acordo com aquilo que a sociedade julga ser um comportamento adequado. A ideia subjacente por meio das escolhas narrativas pode permitir uma leitura que infira certa culpa à vítima, pois há a dúvida sobre até que ponto ela mesma acaba por se colocar em risco ao marcar um encontro pela *internet* com um desconhecido. Isso aparece de forma subjetiva no texto.

Silva (2010) destaca que as narrativas jornalísticas não são neutras e funcionam como uma maneira de contribuir, por meio de seus significados simbólicos (não explícitos), para a construção de pensamentos e conceitos em sociedade:

As discussões sobre o jornalismo como forma de conhecimento na sociedade trazem em seu cerne a relevância deste campo na produção simbólica, indicando que as notícias, além de não-neutras, envolvem determinadas visões de mundo e, como tal, contribuem social e culturalmente como uma orientação acerca dos parâmetros e dos valores circulantes. (SILVA, 2010, p. 35)

A matéria segue falando sobre a declaração de Elaine, dizendo que logo estará bem. Abaixo é apresentado o trecho do vídeo em que ela fala e na sequência alguns trechos de falas do irmão de Elaine, Rogério, dizendo que os familiares tentaram impedir que ela se visse no espelho, por conta da desfiguração de seu rosto, e comentando um pouco sobre a recuperação dela.

Um intertítulo indica que a matéria falará sobre o agressor, dizendo que ele pode ter a carteira da OAB negada, uma vez que era estudante de direito na época do ocorrido.

O primeiro parágrafo se refere a Vinícius como estagiário em direito. Até então, ao longo do texto, não é informado que ele é lutador de jiu-jitsu. Essa informação aparece apenas em uma pequena legenda da matéria em vídeo do RJ1.

O parágrafo seguinte dá um breve resumo sobre a vida profissional de Vinícius até o momento do ocorrido, informando quando ele passou no exame da OAB-RJ.

Os parágrafos que dão continuidade ao texto explicam o motivo pelo qual Vinicius pode ter o registro negado, por questões de idoneidade moral. Em seguida, destacado, é apresentado um trecho da nota de repúdio da OAB-RJ em relação ao ocorrido.

Na sequência são detalhados alguns pontos sobre a nota de repúdio que traz alguns dados sobre violência contra a mulher e feminicídio, citando que a maior parte das ocorrências acontece dentro de casa, e são cometidas por pessoas próximas às vítimas, o que não era o caso de Elaine.

Mais um intertítulo aparece na sequência, indicando a prisão de Vinícius em flagrante. O parágrafo que vem em seguida cita a localização do condomínio em que ele foi preso em flagrante, com uma declaração por parte da polícia afirmando que Vinícius é o responsável pelo crime cometido contra Elaine.

O parágrafo seguinte traz informações por parte de Elaine e, pela primeira vez, é citado que eles conversaram por cerca de oito meses antes do primeiro encontro. Uma foto aparece em seguida mostrando o antes e depois de Elaine.

Abaixo da foto, é indicada uma fala de um dos seguranças do prédio. Desta vez, mesmo após a matéria evidenciar que Vinícius foi preso em flagrante e que a polícia afirma que ele espancou Elaine, ele é chamado de suspeito. Na sequência há um parágrafo que diz que o acusado passará por avaliação psiquiátrica.

Mais um intertítulo indica que a polícia descarta a possibilidade de que Vinícius possa ter tido um surto. O parágrafo abaixo traz uma declaração de Vinícius que alegou ter tido um surto psicótico. No parágrafo seguinte, uma fala com aspas da delegada Adriana: “A polícia tem a plena convicção que ele praticou uma tentativa de feminicídio. Tudo que estamos fazendo é para dar elementos para a condenação dele”, disse a delegada.

Na sequência, uma foto retirada das redes sociais mostra Vinícius sorrindo, com boa aparência. Motta (2007) aponta que todos os elementos que compõem a narrativa, como fotos, vídeos, entre outros, revelam as intencionalidades por trás dos sentidos de leitura que o narrador deseja indicar. É importante reforçar que, ainda que façam parte importante da construção da narrativa, essas escolhas não são aleatórias. Conforme Motta (2007) destaca, “os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso).” (MOTTA, 2007, p. 144)

A foto de Vinícius aparece logo após o parágrafo em que ele alega o surto psicótico, fazendo uma contraposição com a imagem que mostra um rapaz aparentemente normal. Esse recurso revela um pouco sobre as intencionalidades do narrador, conforme explica Motta (2007).

Os próximos parágrafos são seguidos de uma imagem do registro de visitantes da portaria do prédio, que mostra que Vinícius se identificou com nome falso. Nesses parágrafos há a declaração da delegada, mais uma vez, afirmando porque as provas indicam a premeditação do crime.

O parágrafo seguinte fala pela primeira vez que Vinícius é lutador de jiu-jitsu, revelando que ele havia agredido o próprio irmão e o pai algum tempo antes do crime cometido contra Elaine.

Conforme explica Motta (2007), a natureza criativa da narrativa pressupõe um direcionamento no sentido da leitura por parte do narrador. Observa-se que a informação sobre o incidente de agressão cometido por Vinícius contra o irmão, revelada quase no final da matéria, pode determinar um outro ritmo e até sentido de leitura, uma vez que aparece após uma contextualização sobre o histórico profissional de Vinícius e uma foto que o mostra como uma pessoa aparentemente normal e sorridente. Alguém acima de qualquer suspeita. Esse suspense, a revelação, também se encaixa nos movimentos propostos por Motta (2007), os quais, destaca o autor, fazem parte de estratégias narrativas para causar impacto

por meio de elementos que causem espanto e/ou provoquem inquietações, com o intuito de prolongar o desenrolar da história até que se chegue ao seu desfecho, o que se percebe ao longo da matéria, que vai apresentando as informações aos poucos, até o encerramento em que apresenta a relação de Vinícius com a família

Esse fato também deixa de ser explorado quanto ao perfil de agressores e homens que cometem feminicídios, uma vez que, segundo estudos como o Mapa da Violência que foi citado anteriormente, revelam uma massiva concentração desse tipo de violência no contexto familiar (doméstico), reforçando que, assim como Elaine, o agressor também não se encaixa em um perfil específico, dentro de uma maioria em casos como este.

Um último intertítulo fala sobre os familiares de Vinícius, que foram chamados para depor. Os dois últimos parágrafos citam a família, e que a reportagem do G1 entrou em contato com um dos irmãos de Vinícius, o qual estaria abalado demais para dar qualquer declaração. A matéria finaliza indicando que a família aguardava um advogado para fazer a defesa de Vinícius.

G1 - ANÁLISE 3: Paisagista vítima de agressão chega à delegacia para prestar depoimento<sup>16</sup> - ANEXO I

A terceira matéria analisada é do dia 25 de fevereiro de 2019, e é assinada pelo jornalista Henrique Coelho. Assim como nas matérias anteriores, o título traz Elaine como a paisagista e vítima de agressão, o que se repete na linha de apoio.

Abaixo há uma foto de Elaine chegando à delegacia para prestar depoimento. O primeiro parágrafo explica que o inquérito sobre o caso deverá ser encerrado naquele dia e cita a tentativa de feminicídio; essas informações estão em destaque por um *hiperlink* que direciona para outro conteúdo sobre o caso. O parágrafo traz um trecho de fala de Elaine: "É minha busca por justiça. Por todas as mulheres que já passaram por isso", e termina citando as dificuldades em enfrentar a situação, segundo ela.

Esse recurso das aspas se mostra de extrema importância, pois traz uma forte declaração de Elaine a respeito da busca por justiça, não somente para si

---

<sup>16</sup> G1 Paisagista vítima de agressão chega à delegacia para prestar depoimento. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/25/policia-deve-encerrar-inquerito-sobre-espantamento-de-paisagista-nesta-segunda.ghtml>> Acessado em 09/12/2020

mesma, mas que se estende para outras mulheres que também sofrem esse tipo de agressões e, muitas vezes, sofrem caladas.

Segundo o Relatório Visível e Invisível (2019), a grande maioria das vítimas de feminicídio são mulheres que sofreram agressões por um longo período e nunca tiveram a coragem de denunciar, por diversas questões, “seja por vergonha, medo, ausência de suporte familiar ou social para romper com a relação, dependência financeira do parceiro violento ou por acreditar que o agressor mudará de comportamento”, cita o relatório.

Uma vez mais, esse fato deixa de ser explorado ao usarem o recurso das aspas no texto apenas de uma maneira que dá força ao relato, à narrativa em si, transmitindo a veracidade dos fatos contados, mas sem se aprofundar na temática da violência contra a mulher.

O segundo parágrafo fala sobre a chegada de Elaine para depor e diz que ela estava acompanhada pelo advogado, Evandio Bianor dos Passos, e um casal de amigos que vivem em outra zona nobre do Rio, indicando que ela estava hospedada naquele momento com eles. O parágrafo segue falando que Elaine foi violentamente espancada por quatro horas em seu apartamento, e continua dizendo que o suspeito está preso por tentativa de feminicídio.

O parágrafo seguinte conta que a delegada teria ouvido de Elaine que ela poderia ter sido dopada, e cita que Vinícius pode ter cometido o crime por vingança. Ela ainda reforça que muitos pontos precisam de esclarecimento. Antes do dia 24 de fevereiro, essa informação ainda não havia sido divulgada, pois a suspeita de vingança só foi declarada por Elaine durante as entrevistas que prestou ao Fantástico e ao Domingo Espetacular, ambas no dia 24.

O próximo parágrafo traz uma citação da delegada, Adriana Belém, relatando que Elaine informou que, em algum momento durante a noite do encontro, o acusado teria dito que queria “sentir a sensação de matar alguém”. As aspas novamente aparecem, desta vez partindo de uma fonte oficial, reforçando a veracidade das declarações acerca do caso.

Em seguida, uma outra foto de Elaine chegando na delegacia para prestar depoimento. Na sequência, um parágrafo relata sobre a permanência de Vinícius até a manhã do dia 25 de fevereiro em um hospital psiquiátrico para fazer exames. Um parágrafo curto a seguir destaca novamente a possibilidade de Elaine ter sido dopada, em destaque com um *hiperlink* para outra matéria, do Fantástico, que traz

as declarações de Elaine. O parágrafo destaca a possibilidade mas não fala nada sobre exames ou provas.

Uma das características do texto jornalístico, citada por Motta (2007, p.151) no segundo movimento, aponta o uso de certos recursos para explicar mais sobre o contexto das notícias, o que não se vê ao longo das matérias, a não ser por alguns *hiperlinks* em determinados momentos.

Na narrativa jornalística é normal a história começar pelo seu clímax, um corte repentino *in media res*<sup>17</sup> na situação estável. Os fatos saltam sobre o leitor. Por isso, é comum os jornais terem de explicar o que está acontecendo (as infografias, os “entenda o caso”, etc.) [...] São reforços para a memória cultural do receptor, conexões que faltam e precisam ser trazidas para a compreensão das relações. (MOTTA, 2007, p. 151)

Outra citação da delegada, colocado entre aspas, reforça a questão sobre ser possível que Elaine tenha sido dopada, e que Vinícius teria demonstrado prazer ao ver o sofrimento dela enquanto a fazia voltar a si para se dar conta de que estava sendo espancada.

A mesma imagem utilizada na matéria analisada anteriormente é repetida mostrando o antes e depois desfigurado do rosto de Elaine.

Um intertítulo vem na sequência, falando sobre a possibilidade de vingança. O parágrafo a seguir traz falas de Elaine sobre uma conversa estranha que ela teve com Vinícius, em que ele perguntava sua opinião a respeito de um amigo querer se vingar de alguém, chegando a falar em matar outra pessoa.

Em seguida há uma matéria em vídeo do Jornal Hoje, mostrando Elaine chegando para depor e contextualizando que aquele foi seu primeiro depoimento, pois ela havia ficado internada por seis dias após as agressões. A matéria também traz um trecho da reportagem exibida no Fantástico no dia anterior (24/02/2019), em que ela aparece falando sobre os assuntos estranhos mencionados em uma conversa com Vinícius. Na legenda do vídeo está escrito “mulher espancada por estudante”.

A matéria encerra com uma fala de Elaine, explicando que deseja entender o motivo por trás das agressões. “Não sei por que, mas eu achei muito estranho. Qual o motivo de uma pessoa fazer isso gratuitamente? Eu não faço mal para ninguém. Deve ter algum motivo”, disse. Ela explica que não entende como alguém poderia

---

<sup>17</sup> *In media res* - do Latim, significa “no meio das coisas”.

sofrer uma agressão tão violenta, como a que quase a matou, sem uma razão aparente.

Motta (2007, p. 152) destaca que é importante identificar os personagens e suas funções (protagonista, herói, vilão, etc.) na construção da narrativa, pois eles se tornam o eixo, o ponto de conexão nas histórias ao representarem pessoas da vida real. O recurso das aspas, além de reforçar o conteúdo da matéria, ao ser utilizado no final enfatiza ainda mais a gravidade da situação, o sentimento de impotência da vítima, trazendo um apelo de Elaine ao tentar entender o motivo de tamanha violência, fechando a matéria com impacto.

G1 - ANÁLISE 4: Espancamento e tentativa de feminicídio de paisagista foram premeditados, diz polícia<sup>18</sup>

A última matéria do G1 analisada é também do dia 25 de fevereiro, assinada pelo mesmo jornalista que assinou a matéria anterior, Henrique Coelho. A reportagem traz a notícia da conclusão do inquérito, após o depoimento prestado por Elaine mais cedo nesse mesmo dia.

No título é evidenciada a conclusão da polícia em relação a premeditação do crime cometido por Vinícius.

Abaixo da linha de apoio que fala sobre a forma violenta com que Vinícius atacou Elaine, relatando que ele “mordia a vítima, arrancava pedaços e, em seguida, cuspia”, há um vídeo com uma reportagem do Jornal Nacional, que fala sobre o inquérito e mostra Elaine falando com a imprensa após o depoimento prestado naquele dia. O vídeo também mostra as imagens fortes do apartamento dela após o ataque, evidenciando tamanha violência sofrida por ela, com imagens chocantes de sangue pelas paredes. A reportagem está falando também sobre a prisão de Vinícius em flagrante e mostrando algumas fotos dele.

Logo abaixo vem o primeiro parágrafo, falando sobre a polícia afirmar que o crime foi premeditado, e que o inquérito da prisão em flagrante foi encerrado naquele mesmo dia (25/02), indiciando Vinícius por tentativa de feminicídio. Esse parágrafo, no entanto, não informa o motivo da afirmação, ou explora qualquer detalhe que

---

<sup>18</sup> G1 - Espancamento e tentativa de feminicídio de paisagista foram premeditados, diz polícia. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/25/espantamento-e-tentativa-de-feminicidio-de-paisagista-foram-premeditados-diz-policia.ghtml>> Acessado em 09/12/2020.



possa servir como uma explicação acerca de quais são os indícios de que um crime foi premeditado ou não. Isso também não é informado ao longo da matéria ou mesmo nas analisadas anteriormente.

O segundo parágrafo traz uma fala entre aspas da delegada do caso, Adriana, dizendo que estão sendo feitos todos os esforços para que o agressor continue preso, enfatizando que o convívio dele em sociedade apresenta risco para as pessoas.

Essa fala também não é explorada acerca de um fator importante em relação aos casos de violência contra a mulher, pois, segundo o relatório Violência Contra a Mulher - um olhar do Ministério Público Brasileiro<sup>19</sup>, publicado em 2018, a impunidade é um dos fatores que reforçam a incidência de casos de violência de gênero e feminicídio:

O desrespeito às leis vigentes provoca um senso de impunidade na sociedade. Trata-se de um fator causal contextual de ordem distal, porque insere os sujeitos num contexto macrodinâmico de interação social, presente não apenas no círculo de convívio dos sujeitos viventes da violência, mas em toda a sociedade. O reflexo desse fator causal para o agressor é tão grande que o faz não se intimidar em continuar sua conduta. Ao contrário, muitas vezes a tentativa da vítima de procurar os aparelhos estatais é motivo para agravamento da violência perpetrada (BEZERRA; LIMA, 2018, p.97).

Os parágrafos a seguir contêm também falas da delegada, apontando a vingança como uma possibilidade para o motivo das agressões. Ela explica que Elaine recebeu a solicitação de amizade de Vinícius após postar uma foto com o filho Rayron, que mora fora do país.

Na sequência, uma imagem de Elaine chegando para depor. O próximo parágrafo segue relatando que a delegada descarta a possibilidade de surto psicótico pelo fato de que foi Vinícius que contactou Elaine pela primeira vez e, também, pela forma como ele a atacava, mordendo, arrancando pedaços e cuspidando. Não fica claro o motivo para que o surto psicótico tenha sido descartado, nem são levantadas questões ou apresentadas evidências sobre a conclusão da delegada.

---

<sup>19</sup> Violência Contra a Mulher - um olhar do Ministério Público Brasileiro, 2018. Disponível em: <[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao\\_civel/acoes\\_afirmativas/inc\\_social\\_mulheres/Diversos\\_Mulheres](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inc_social_mulheres/Diversos_Mulheres)> Acessado em 13/12/2020

Na sequência, um intertítulo diz “vítima faz apelo à Justiça”, e o parágrafo que vem logo abaixo conta que Elaine agradeceu aos policiais e pediu que a Justiça valide o trabalho da delegacia.

O parágrafo seguinte traz a fala entre aspas de Elaine: "Espero de coração que isso mude no Brasil e que a Justiça possa dar uma atenção maior, para que a gente possa combater esse tipo de crime e evitar que esses delinquentes fiquem soltos e não paguem, que tenham penas mais rígidas. Não adianta nada você denunciar e depois eles saem, com convívio normal, e depois voltem a cometer novos crimes", disse Elaine.

O recurso das aspas, mais uma vez, traz veracidade ao relato, como aponta Motta (2007), atuando como uma maneira de reforçar a questão de punições mais severas aos agressores, uma vez que a própria vítima aponta a questão.

A matéria finaliza dizendo que Elaine quer lutar por justiça não só por ela, com mais uma fala entre aspas, e em seguida uma afirmação de que ela tem certeza de ter sido dopada, esta última frase em destaque por outro *hiperlink* que direciona para a matéria do Fantástico em que Elaine fala sobre o caso.

## 5.1 G1 - Análise da narrativa

Conforme aponta o primeiro movimento proposto por Motta (2007, p. 147), detalhado no capítulo anterior, o analista precisa observar a narrativa quanto aos elementos que a constroem e quanto às escolhas do narrador, e não o fato em si. É preciso reconstruir a narrativa, traçando uma cronologia e definindo uma conexão entre as partes para a compreensão do todo.

Motta (2007, p. 144) explica que “os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso)”, dessa forma, produzindo sentido de acordo com a intencionalidade do narrador e os elementos que este define para a construção do texto.

As duas primeiras matérias trazem algumas leves diferenças de escrita em relação às duas últimas, as quais foram escritas pelo mesmo jornalista. No entanto, as narrativas seguem um padrão jornalístico característico do portal G1. Além do fato de serem repórteres diferentes, a primeira analisada - publicada em 22 de fevereiro de 2019 - foi feita enquanto Elaine ainda estava no hospital e não havia

prestado declarações e nem concedido entrevistas a nenhum veículo de imprensa de maneira formal, pois ela se encontrava internada até então. Isso pode explicar as pequenas diferenças entre as duas primeiras, em que não haviam sido apuradas algumas informações relevantes, como as declarações de Elaine e da delegada do caso. A segunda matéria analisada, publicada nos primeiros dias após o fato - em 18 de fevereiro -, também não possuía muitas declarações de Elaine, a não ser um trecho retirado de um vídeo que foi postado na rede social *Twitter*, em que ela aparece em trajes hospitalares falando que logo ficará bem.

Há algumas distinções sutis no estilo de escrita dos diferentes jornalistas que produziram as matérias, entretanto, é possível perceber uma homogeneidade entre as narrativas, as quais trazem a repetição dos mesmos termos, elementos e estrutura. Isso é algo recorrente e comum no jornalismo, conforme destaca Traquina (2005, p. 26), citando Altheide (1976), uma vez que os jornalistas compartilham de uma mesma visão dos acontecimentos e da sociedade como um todo; um “pensamento de grupo”, explica o autor.

Ainda que esta seja uma prática jornalística com o intuito de alcançar ao máximo uma imparcialidade nas narrativas, Traquina (2005) reforça que essas ideias em comum têm efeitos negativos. “Uma das consequências de um ‘pensamento de grupo’ comum é aquilo a que se chama ‘jornalismo em pacote’, isto é, os fenômenos frequentemente observados de uma legião de jornalistas cobrindo a mesma história da mesma maneira.” (TRAQUINA, 2005, p. 26)

Em todas as coberturas, é possível conectar a questão constante de evidenciar o padrão de vida de Elaine, com as matérias sempre especificando o local de residência, na Barra da Tijuca - que é considerada uma zona nobre do Rio -, e a profissão de paisagista de Elaine. Conforme citado anteriormente, esses detalhes são importantes ao percebermos que o caso de Elaine não se encaixa no perfil de casos da maioria das vítimas de violência de gênero e feminicídio.

Outro ponto de conexão é a forma como todos os textos retratam Elaine como uma mulher independente, solteira e, até mesmo, sugerindo que ela é bem-sucedida, ao destacar a profissão, a região em que ela vive, o apartamento em um condomínio de alto padrão em uma zona nobre do Rio de Janeiro, que é a zona oeste, evidenciada em todas as matérias.

Entretanto, apesar de, implicitamente, sugerir o status, é necessário ressaltar que estes elementos são parte importante na recomposição da intriga, conforme

destaca Motta (2007, p. 147) no primeiro movimento, uma vez que o caso aconteceu, de fato, no apartamento em que Elaine residia, este então sendo o cenário do acontecimento e uma parte primordial na construção da história.

Partindo deste mesmo movimento, alguns elementos que constituem os ganchos das matérias podem ser identificados, como o acontecimento em si (a tentativa de feminicídio), a alta do hospital, o depoimento e o encaminhar do inquérito. Motta (2007, p. 148) reforça que estes ganchos são importantes na construção das narrativas individuais, pois revelam uma cronologia dos fatos que conecta as narrativas, atuando de maneira a prolongar a história, indicar que há uma continuidade e, até, atrasar o desfecho.

A seguir, o detalhamento das análises das duas matérias selecionadas do portal R7, as quais foram determinadas por meio dos mesmos recortes propostos para a escolha das matérias do portal G1.

#### R7 - ANÁLISE 1: Paisagista agredida por lutador presta depoimento à Alerj<sup>20</sup>

A primeira matéria analisada do portal R7 está na aba de notícias e foi publicada no dia 22 de fevereiro de 2019, sendo assinada pelo estagiário de jornalismo Lucas Ferreira, sob supervisão do jornalista PH Rosa. O título também inicia se referindo a Elaine como paisagista. A linha de apoio traz o nome de Elaine e explica que ela prestou depoimento na CPI do Feminicídio, no Rio de Janeiro, e também contextualiza que ela conversou com o agressor por oito meses.

O primeiro parágrafo aparece ao lado de uma foto de Elaine de antes de ser espancada, com uma legenda citando que ela ficou cinco dias internada após ter sofrido as agressões. O texto inicia informando o nome de Elaine e sua idade, explicando que ela foi ouvida na manhã do dia 22/02 pela CPI do Feminicídio do Rio de Janeiro. Também é contextualizado o fato de que ela foi agredida por mais de quatro horas em seu apartamento na Barra da Tijuca, este parágrafo em destaque por um *hiperlink* que direciona para outra matéria da redação do portal, a qual traz mais informações e detalhes sobre o caso e as agressões.

O parágrafo seguinte é sobre a deputada Martha Rocha, presidente da CPI, reforçando que o depoimento de Elaine é de extrema importância para encorajar

---

<sup>20</sup> R7 - Paisagista agredida por lutador presta depoimento à Alerj. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/paisagista-agredida-por-lutador-presta-depoimento-a-alerj-22052019>> Acessado em 03/12/2020

denúncias de outras mulheres. Assim como nas matérias analisadas no Portal G1, aqui também não há um aprofundamento ou direcionamento para um conteúdo complementar com maiores informações sobre as denúncias acerca desse tipo de violência. Conforme apontam os estudos do relatório Visível e Invisível (2019) sobre as questões de enfrentamento à violência contra a mulher, a subnotificação de casos ainda se mostra grande e é um problema a ser combatido.

Ampliar as Campanhas preventivas que orientem essas mulheres a denunciar seus agressores é outra necessidade urgente. A pesquisa sinaliza que a maioria das mulheres não busca ajuda e quando buscam, o equipamento mais procurado é a Delegacia, porém, o percentual ainda é baixo em relação ao fenômeno. (SANTIAGO, 2018, p. 45)

O próximo parágrafo traz o recurso das aspas, com uma fala da deputada se referindo à força demonstrada por Elaine e enfatizando a importância de seu depoimento. Esse recurso é bem utilizado ao enfatizar, por meio da fala de uma autoridade e que também é mulher, que a questão da denúncia não é algo simples e que demanda coragem por parte de quem denuncia. Segundo Santiago (2018), existem diversos fatores que impedem a mulher de denunciar seu agressor e precisam ser considerados antes de qualquer julgamento, caso a caso.

O quarto parágrafo contextualiza sobre a criação da Comissão Parlamentar de Inquérito, explicando que se trata de uma forma de entender mais sobre a vida de mulheres que sofrem crimes de ódio.

Mais um recurso de aspas é utilizado no parágrafo seguinte, trazendo uma afirmação da deputada sobre a preocupação em manter um acompanhamento às vítimas. Esse é outro fato que complementa o conteúdo e traz uma informação interessante acerca de casos de violência contra a mulher, uma vez que, de acordo com o terceiro movimento, Motta (2007) explica que os personagens representam pessoas reais e refletem a realidade dos problemas da sociedade.

Ao lado do parágrafo com a citação da deputada há um quadro com matérias correlatas, intitulado de “veja também”, com mais três matérias que trazem conteúdos complementares ao caso. Esse é um dos recursos citados por Motta (2007) que fazem parte das estratégias comunicacionais que prolongam o desfecho.

No parágrafo a seguir há mais uma contextualização sobre o caso, dizendo quando aconteceu e explicando que Elaine e Vinícius se conheceram pela internet oito meses antes de terem o encontro no apartamento da vítima. No parágrafo o

texto se refere a ele como lutador de jiu-jitsu, o que revela também uma intencionalidade do narrador ao escolher esta informação, chamando-o de lutador de jiu-jitsu em detrimento ao termo estudante de direito. Essa intencionalidade ao moldar o perfil dos personagens é explicada por Motta (2007, p. 154) no quarto movimento:

O perfil ou “retrato” jornalístico envolve uma dimensão de pesquisa e inquérito, mas não é mera reprodução ou reflexo do “real”, é uma construção que mobiliza a subjetividade do repórter. O seu papel não se limita a “descrever” pessoas que existem na vida real. A subjetivação pressupõe que se apresente a personagem como uma interpretação e uma construção e não como uma ilusão referencial, destinada a abolir a consciência da mediação jornalística. (MOTTA, 2007, p. 154)

A seguir, aparece um *hiperlink* em destaque direcionando para uma outra matéria relacionada com o conteúdo, com a chamada “Dossiê: a cada 5 dias uma mulher é vítima de feminicídio no Rio”. É possível, pela primeira vez entre as análises das matérias anteriores, observar um direcionamento para um conteúdo complementar mas que tem o enfoque em um tema relacionado ao caso, e que não é apenas outra matéria sobre o caso contendo diferentes informações.

A narrativa do R7 traz a indicação de alguns dados sobre feminicídio no Rio de Janeiro por meio do *hiperlink* que leva a esse conteúdo, reforçando a gravidade do problema e a situação do feminicídio no estado e chamando a atenção para um dado importante. Ainda que estes dados não apareçam de forma explícita na matéria, por meio de um gráfico ou com algum parágrafo explicativo, esse recurso permite que informações que são pertinentes ao caso, sejam acessadas pelo leitor, contribuindo para o debate acerca da violência contra a mulher.

Abaixo dele, o último parágrafo diz que o agressor foi preso em flagrante após Elaine pedir socorro a vizinhos, explicando que ela recebeu alta cinco dias após ter dado entrada no hospital.

Para finalizar, após o último parágrafo, há uma matéria em vídeo da entrevista concedida por Elaine ao Domingo Espetacular dois dias após sua alta médica, no dia 24 de fevereiro. A esta altura, o caso já havia ganhado grande repercussão nacional e colocado em alta o debate acerca da questão da violência contra a mulher e do feminicídio no Brasil.

## R7 - ANÁLISE 2: Paisagista espancada no primeiro encontro recebe alta médica<sup>21</sup>

A última matéria analisada foi publicada no portal R7 no dia 22 de fevereiro de 2019, sendo assinada por Rayssa Motta, estagiária de jornalismo sob a supervisão do jornalista Marcos Sergio Silva.

O título também se refere a Elaine como paisagista e, logo em seguida, a linha de apoio diz que, ao mesmo tempo em que ela deixa o hospital, o acusado está sendo avaliado por psiquiatras.

O primeiro parágrafo começa trazendo o nome de Elaine e sua idade, informando que ela é paisagista e empresária e que foi espancada por mais de quatro horas no apartamento próprio em que residia, com esta última informação em destaque por um *hiperlink* que direciona para outro conteúdo, que foi publicado em 18 de fevereiro, explicando mais sobre o caso. Esses recursos são importantes para contextualizar a história, uma vez que, ao longo da semana que se passou desde o dia das agressões até a data em que esta matéria foi publicada (22/02), já haviam outros conteúdos anteriores que explicam os desdobramentos do caso, conduzindo o leitor a entender mais sobre o crime e direcionando-o a acompanhar as informações complementares da narrativa no próprio portal.

O parágrafo segue relatando que o primeiro encontro foi com “um homem que conheceu na *internet*”, e finaliza com a informação de que ela recebeu alta médica na sexta-feira (em que foi publicada a matéria), 22 de fevereiro.

O segundo parágrafo explica que ela deixou o hospital particular em que ficou internada e que estava acompanhada pelo filho Rayron Gracie, informando que o rapaz é lutador de jiu-jitsu.

O parágrafo seguinte discorre sobre o estado em que Elaine ficou após as múltiplas fraturas na face, citando que ela perdeu dentes e que levou vários pontos na boca. Em seguida, no mesmo parágrafo, é citado que a reconstrução do rosto de Elaine e as cirurgias durarão cerca de seis meses, segundo os médicos responsáveis, e que, como resultado do espancamento, ela ainda teve um desvio de septo que precisará de cirurgia.

---

<sup>21</sup> Paisagista espancada no primeiro encontro recebe alta médica. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/paisagista-espancada-no-primeiro-encontro-recebe-alta-medica-22022019>> Acessado em 11/12/2020

Antes do próximo parágrafo há um destaque em *hiperlink* para uma matéria correlata que traz as aspas de Elaine no título, com a sugestão “leia também”. Aqui também é possível observar dois recursos citados por Motta (2007), as aspas, que fortalecem a veracidade da narrativa e, inclusive, são utilizadas logo no título, e o *hiperlink* que tem a indicação de que o leitor permaneça no portal, com a finalidade de prolongar a narrativa ao instruir o leitor a continuar e ler mais sobre o caso. Motta (2007, p. 156) reforça que “o texto é um conjunto de instruções que o leitor recria de modo ativo”.

Outro ponto destacado por Motta (2007, p. 156) é em relação ao recurso do tempo, citando o quarto movimento, em relação às estratégias de objetivação e construção do sentido de real. Isso pode ser percebido na frase em destaque que é utilizada no título “‘Estou bem, logo estou numa boa”, diz paisagista agredida por lutador’.

O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se: tudo gira em torno do hoje, do aqui e do agora, do ao vivo e do *on-line*. Daí a profusão de advérbios e de expressões adverbiais de tempo e de lugar que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje, do agora, do presente, do instante. (MOTTA, 2007, p. 157)

O próximo parágrafo explica que Elaine ainda não teve o depoimento coletado e que as autoridades esperam a estabilidade emocional da vítima para colher seu testemunho. Este parágrafo revela que, além da questão física, a vítima foi afetada emocional e psicologicamente pelo ocorrido, mas, assim como as outras matérias, não se aprofunda ou faz qualquer indicação das consequências psicológicas das agressões sofridas por Elaine.

Um intertítulo aparece na sequência indicando que o agressor foi internado para ser avaliado por meio de exames psiquiátricos. O parágrafo a seguir informa com mais um *hiperlink* em destaque que o “estudante de direito acusado de agredir a empresária” foi direcionado a um hospital psiquiátrico na zona oeste do Rio de Janeiro para ser avaliado.

No parágrafo seguinte há a informação de que a defesa de Vinícius apresentou declarações médicas de 2016 alegando que ele teria problemas mentais. As alegações foram realizadas no dia 18 de fevereiro em uma audiência de custódia na Cadeia Pública José Frederico Marques, no bairro Benfica.



O último parágrafo informa que o juiz responsável, Alex Quaresma Ravache, não qualificou os documentos apresentados pela defesa como suficientes para atribuir ou não a culpa ao acusado pelo crime cometido contra Elaine, e determinou a necessidade de uma nova avaliação psicológica.

## 5.2 R7 - Análise da narrativa

Assim como nas matérias analisadas do portal G1, é possível observar algumas intencionalidades na construção das narrativas do portal R7. As narrativas têm muitas semelhanças entre si, apresentando uma linguagem característica do portal.

Como as duas matérias foram publicadas no mesmo dia, elas têm algumas semelhanças na questão de conteúdos, recursos de *hiperlinks* e as indicações para que o leitor acesse as matérias complementares ao caso.

Na primeira matéria analisada, contudo, destaca-se um conteúdo diferenciado e correlato ao tema a fim de complementar o debate acerca da violência contra a mulher. É importante lembrar que, conforme citado anteriormente, a esta altura o caso já havia ganhado repercussão nacional e levantado questões de interesse público acerca do tema.

Essa prática é muito positiva e, até mesmo, incentivada pelo Guia de Mídia e Direitos Humanos<sup>22</sup>, publicado em 2014 pelo Intervenções - Coletivo Brasil de Comunicação Social, que orienta acerca das práticas jornalísticas que assegurem os direitos humanos, em especial às minorias. O Guia destaca que esse tipo de recurso serve para “qualificar as informações que subsidiam a matéria”. Entre os recursos utilizados, são recomendados: “pesquisas, censos e dados estatísticos podem ser encontrados facilmente na internet e melhoram a qualidade de qualquer material jornalístico, além de, muitas vezes, quebrar ideias equivocadas pautadas apenas no senso comum.” (INTERVOZES, 2014, p. 8)

As matérias do R7 também se utilizam da repetição de termos e elementos, como a profissão de Elaine, reforçando sobre o lugar, a região em que ela vivia, em que foi agredida. Motta (2007, p. 158) ressalta que o analista deve fazer uma

---

<sup>22</sup> Guia de Mídia e Direitos Humanos - Intervenções, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://portolivre.fiocruz.br/guia-m%C3%ADdia-e-direitos-humanos>> Acessado em 12/12/2020

observação das estratégias que reforçam o sentido de real nas narrativas e são utilizadas de maneira a esconder, de certa forma, a presença do narrador. Ainda que estes sejam recursos essenciais na construção das narrativas jornalísticas, a fim de ambientar o caso, também denotam suas intencionalidades.

A identificação sistemática de lugares (onde) e de personagens (quem) também cumpre uma função argumentativa: localiza, situa, transmite a ideia de precisão, causa a impressão de que o narrador fala de coisas verídicas, realisticamente situadas. O uso de nomes próprios de lugares (Rio de Janeiro, Brasília, Nova York, Iraque, etc.) ou de instituições (Ministério da Fazenda, STF, Polícia Federal, etc.) identifica de imediato por se referirem a instituições reconhecidas. Tudo revela certo uso da linguagem certa intenção do narrador. (MOTTA, 2007, p. 158)

As narrativas jornalísticas acompanham os casos enquanto ainda estão tendo seus desdobramentos, portanto, existem “pontas soltas”, informações que só serão esclarecidas com o tempo, à medida que ações sejam executadas. Ainda assim, Motta (2007) salienta que o narrador utiliza a expectativa do desenrolar dos fatos como estratégia para manter o público interessado. Isso pode ser observado no final da segunda matéria, que termina com a dúvida sobre o estado mental de Vinícius, o que mostra um bom uso do recurso.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo atua de muitas maneiras, promovendo temas de interesse público, proporcionando espaços de discussão e fornecendo informações relevantes para a manutenção da sociedade. A promoção dos direitos humanos é uma das premissas do jornalismo, seja por meio da fiscalização dos poderes, da evidenciação de temas referentes às minorias, do espaço para debates, do levantamento e apuração de informações ou das denúncias que são noticiadas diariamente.

A violência contra a mulher é um problema presente em nossa sociedade e apresenta alarmante crescimento no país nos últimos anos, conforme mostram pesquisas e relatórios oficiais já citados nesta pesquisa. Segundo destaca o relatório Visível e Invisível, de 2019, este problema é ainda maior quando consideramos o fato de que existe uma grande quantidade de subnotificações de casos de violência contra a mulher, por diversos motivos, entre eles, a insegurança das vítimas em relação à aplicação de punições aos agressores.

O jornalismo, portanto, tem a importante missão de apresentar pautas de violência contra a mulher de maneira a evitar o reforço de estereótipos que desqualificam vítimas de violência, promovendo um debate aberto e justo em sociedade, informando e conscientizando a população acerca do tema por meio de dados e fatos claros e objetivos, de forma a fomentar o aprimoramento de políticas públicas de combate à violência, além de proteger as vítimas, evitando um processo de revitimização e culpabilização das mesmas.

O caso Elaine Caparroz, que aconteceu em 16 de fevereiro de 2019, repercutiu nacionalmente de maneira acentuada, gerando grande comoção e espanto pela gravidade do ocorrido. A vítima foi brutalmente agredida por cerca de quatro horas antes que seu agressor, Vinícius Serra, finalmente a deixasse, acreditando que ela estava morta. Chamou a atenção da pesquisadora pelo fato de ser um caso tão chocante, que apresentou de forma explícita detalhes surpreendentes sobre a violência sofrida por Elaine e, mesmo assim, ainda ter dividido opiniões à época, com matérias e conteúdos nas redes sociais que questionavam a ausência de culpa da vítima e a possibilidade de que ela poderia ter se colocado em uma situação de perigo quando marcou um encontro com um rapaz desconhecido e permitiu que ele entrasse em seu apartamento.

Movida pela inquietação a respeito de discursos que culpabilizam as vítimas e tendem a suavizar a culpa dos agressores, a pesquisadora tentou entender até que ponto o jornalismo poderia ser responsável pelos discursos controversos que repercutiram ao longo do caso. A pesquisadora questionou-se acerca de como os direitos humanos são apresentados na mídia e de que forma o jornalismo atua para promover a aplicação desses direitos na sociedade. Outro questionamento que moveu a pesquisa foi acerca da assertividade das práticas jornalísticas em coberturas de casos de violência contra a mulher.

Para esta pesquisa foram escolhidas seis matérias a serem analisadas, publicadas entre o dia 18 e 25 de fevereiro de 2019, em um período próximo ao que o crime ocorreu (16/02), as quais retratam o caso com o enfoque na vítima, sendo assinadas por repórteres dos portais. Das seis matérias escolhidas, duas são do portal R7 e quatro do portal G1, determinadas por meio de critérios que permitiram um recorte pertinente para a escolha de tais matérias selecionadas, garantindo a pluralidade das narrativas.

A pesquisa foi construída a partir de estudos e dados sobre os direitos humanos e jornalismo de direitos humanos, com base nos conteúdos teóricos de Nasi e Raddatz (2017), Pequeno (2016) e informações oficiais da ONU (2019). Também utilizou-se dos estudos acerca de gênero, minorias, violência de gênero, feminismo, sociedade e patriarcado de Acosta, Goes e Bralem (2013), Aguiar (2000), Chaves (1971), Cunha e Ferreira (2018), Saffioti (2001), Souza (2019), Bandeira (2014), Chagas e Chagas (2017), Guedes (1995), Nogueira (2000), Tondato (2007), Woitowicz (2008) e de relatórios oficiais. Também foram empregados estudos de Barbosa (2001), Barsotti (2014), Bartzen (2006), Cruz (2011), Dantas e Rocha (2016), Ferrari (2010), Fotios (2016), Góes (2007), Hercowicz (2009), Mielniczuk (2020), Primo e Träsel (2006), Rodrigues (2020), Sales (2010), Schudson (2011), Squire (2020) e Traquina (2005), trazendo referenciais teóricos acerca de jornalismo, notícia, *webjornalismo*, práticas e processos jornalísticos, características de portais de notícias e estudo da mídia.

A metodologia definida para analisar a construção das narrativas foi a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, por Motta (2007), que propõe a observação das técnicas e recursos utilizados nos textos jornalísticos, os quais revelam as intencionalidades do narrador, partir de seis movimentos que observam estas características. A presente pesquisa, no entanto, utilizou-se apenas dos quatro

primeiros movimentos, os quais observam o narrador, uma vez que os dois últimos são direcionados à análise do receptor, o que a pesquisadora e a orientadora deste trabalho verificaram que não se aplicava à proposta da pesquisa. Portanto, os dois últimos movimentos foram descartados.

A pesquisa buscou esclarecer a forma como são construídas as narrativas em coberturas de pautas de violência contra a mulher nos sites de notícias, sob a perspectiva do jornalismo de direitos humanos, observando se o discurso jornalístico apresentado nos portais fortalece estereótipos sobre mulheres ou possibilita o processo de revitimização e/ou culpabilização da vítima.

Para isto, foram levantadas as seguintes hipóteses: i) é possível identificar falhas na construção das narrativas quanto à sua função social, no sentido de proteger a vítima, com cuidado e respeito; e ii) a repetição de termos e detalhes, a insistência em certos fatos em detrimento de outros mostra um descuido/uma falha do jornalismo em relação à forma de retratar mulheres vítimas de violência, as quais não se comprovaram de forma clara ao longo das análises desses portais, uma vez que, ao observar a construção das narrativas, identificou-se um discurso objetivo e claro, típico da linguagem jornalística, cumprindo com a função de apurar e trazer com clareza os fatos que nortearam o caso. Pode-se, a partir das análises, apenas inferir as intencionalidades dos narradores na construção das narrativas, de forma a entender o uso de recursos como as aspas trazendo falas da personagem principal, Elaine Caparroz, e de autoridades e fontes oficiais; o uso da repetição de termos e locais, o uso de *hiperlinks* para prolongar o desfecho, entre outros elementos que comumente compõem a narrativa jornalística e que se fazem necessários para a construção de tais narrativas.

No entanto, a pesquisa acabou por evidenciar outros fatos que foram se apresentando ao longo das análises, os quais chamaram a atenção da pesquisadora, tais como: a falta de matérias correlatas sobre o tema ou sobre outros casos semelhantes; a carência de informações, estatísticas e dados sobre a violência contra a mulher e o feminicídio, ou sobre a questão da subnotificação e das leis vigentes; a falta de aprofundamento sobre questões como o perfil das mulheres vítimas de violência e dos agressores - o qual Elaine e Vinícius não se encaixavam -, entre outros dados que poderiam servir como complemento às matérias, fortalecendo a relevância do assunto. É importante salientar que o caso provocou grande comoção, repercutindo nacionalmente por conta da brutalidade do crime,

gerando desdobramentos e, à época, sendo motivo de debates e opiniões controversas acerca do crime e de violências contra mulheres em geral, o que justifica a necessidade de um maior aprofundamento das matérias na questão da violência contra a mulher.

Contudo, os objetivos da pesquisa, gerais e específicos, foram alcançados, uma vez que o propósito principal da pesquisadora era analisar as coberturas jornalísticas com a intenção de compreender a construção das narrativas e quais os recursos utilizados pelos narradores para desenvolver os personagens e as histórias, o que, ao elaborar as análises das seis matérias escolhidas por meio dos movimentos propostos por Motta (2007), se cumpriu de maneira assertiva. Também se observou que as narrativas cumpriram seu papel informativo, sem discursos explícitos de culpabilização ou induzindo juízos de valor sobre a vítima.

Diante disso, pode-se concluir que as narrativas jornalísticas acerca da cobertura de casos de violência contra a mulher cumprem um papel modesto na perspectiva dos direitos humanos com relação a seu papel em sociedade, uma vez que o não aprofundamento das temáticas sugere uma falta de interesse em pautar mais estes temas na grande mídia. Esta pesquisa apresenta relevância para contribuir com os estudos sobre a violência contra a mulher na mídia e como são representadas as histórias de mulheres vítimas de violência, e também de que maneira estas mesmas mulheres são retratadas. A pesquisa contribui também para estudos que se baseiam na perspectiva da linguagem dos portais de mídia, os quais foram detalhadamente esmiuçados a partir do método de análise pragmática da narrativa.

Por fim, a pesquisadora acredita no potencial da pesquisa para reforçar o debate acerca do tema e da necessidade de que as narrativas jornalísticas apresentem dados, estatísticas e informações relevantes sobre a violência contra mulher, a fim de conscientizar, prevenir e incentivar as vítimas a denunciarem, uma vez que a grande maioria das mulheres não denuncia esse tipo de violência, o que acaba, em muitos casos, levando ao feminicídio dessas mulheres. Além disso, a apresentação de dados nas narrativas jornalísticas informa a população sobre a efetividade de políticas públicas de proteção a estas vítimas, e atua como uma forma de pressionar o poder público para que, cada vez mais, as mulheres sejam protegidas e possam se sentir seguras em denunciar tais violências.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira; GOMES, Vera Lucia de Oliveira; BARLEM, Edison Luiz Devos. **Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher**. Acta paul. enferm. São Paulo, v. 26, n. 6, p. 547-553. Dez. 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002013000600007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002013000600007&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em 19/12/2020.

AGÊNCIA BRASIL. **Irmão de mulher espancada diz que ainda está chocado com agressões**. Portal R7. 19 fev.2019. Disponível em <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/irmao-de-mulher-espancada-diz-que-ainda-est-a-chocado-com-agressoes-19022019>> Acesso em 14/12/2019.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê Violência contra as mulheres**. A pauta da violência. Disponível em <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/o-papel-da-imprensa/>> Acesso em 14/12/2019.

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, Sociedade e patrimonialismo. **Revista Sociedade e Estado**. vol.15 n°2 - Brasília June/Dec. 2000. P.303 a 330. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922000000200006](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922000000200006)> Acesso em: 04/09/2020

ARTIGO 19 Brasil. **Dados Sobre Femicídio no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/03/Dados-Sobre-Feminic%C3%ADdio-no-Brasil-.pdf>> Acesso em 14/12/2019.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais**. Intercom - XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande (MS), setembro de 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-jornalismo-online.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

BARSOTTI, Adriana. (2014). **Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador da audiência**. *E-Compós*, 17(1). Disponível em <<https://doi.org/10.30962/ec.1080>> Acesso 19/08/2020

BARTZEN, Jaqueline. Interesse Público: Discurso e Prática Jornalística. **Revista Vernáculo**, n°17 e 18, 2006. P. 80 a 90. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/13918/10242>> Acesso em: 04/09/2020.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 29 Número 2, Brasília, Maio/Agosto 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922014000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008)> Acesso em: 04/09/2020.

BEZERRA, Cláudio Jenner de Moura; Lucas Correia de Lima. **Violência contra a mulher : um olhar do Ministério Público brasileiro**. Conselho Nacional do Ministério Público – Brasília: CNMP, 2018. P. 83 - 103. Disponível em:

<[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao\\_civel/acoes\\_afirmativas/inc\\_social\\_mulheres/Diversos\\_Mulheres](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inc_social_mulheres/Diversos_Mulheres)> Acesso em: 19/12/2020.

BRESSER, Deborah. **Empresária agredida no primeiro encontro é alerta para mulheres**. Portal R7. 18 fev.2019. Disponível em <<https://lifestyle.r7.com/prisma/blog-da-db/empresaria-agredida-no-primeiro-encontro-e-alerta-para-mulheres-25082019>> Acesso em 14/12/2019.

CHAGAS, Arnaldo Toni; CHAGAS, Letícia. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil**. Psicologia.pt ISSN 1646-6977 Documento publicado em 23.07.2017. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1095.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

CHAVES, Luís de G. Mendes. Minorias e seu estudo no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 149-168, 1971. Disponível em: <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4487/1/1971\\_art\\_LGMChaves.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4487/1/1971_art_LGMChaves.pdf)> Acesso em 14/12/2019.

CRUZ, Márcio. A mídia e os formadores de opinião no processo democrático. **Revista Ponto-e-Vírgula** n°9: 35-51, 2011. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/13918/10242>> Acesso em 04/09/2020.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade; FERREIRA, Leila Sala Prates. **A Criminalização Social da Mulher Vítima de Violência**. XX Redor - Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), 4 a 7 de dezembro de 2018, Salvador - BA. Disponível em: <<https://redor2018.sinteseeventos.com.br/>> Acesso em: 19/12/2020.

DANTAS, Ivo Henrique; ROCHA, Heitor Costa Lima da. **Webjornalismo: dos portais às redes sociais**. Intercom - XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2705-1.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

DATA POPULAR/INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres**. 2013. Disponível em <[https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2013/08/livro\\_pesquisa\\_violencia.pdf](https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2013/08/livro_pesquisa_violencia.pdf)> Acesso em 14/12/2019.

EL PAÍS/ INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Elaine Caparroz: “Por favor, não me deixe morrer”**. Rio de Janeiro. 08 mar. 2019. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551910094\\_798574.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551910094_798574.html)> Acesso em 14/12/2019.

FERNANDES, Adélia Barroso. **Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público**. Intercom - XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em:



<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145134406368497586467557075036965428965.pdf>> Acesso em: 19/12/2020

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**, 4ª edição. São Paulo. Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Pedro. Paisagista espancada em apartamento na Barra da Tijuca deve receber alta nesta sexta. Portal G1 - **TV Globo**. Rio de Janeiro, 21/02/2019 12h23 (atualizado). Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/21/paisagista-espancada-em-apartamento-na-barra-da-tijuca-deve-receber-alta-nesta-sexta.ghtml>> Acesso em: 04/09/2020.

FIJ - Federação Internacional de Jornalistas. **Declaração de Princípios para a Conduta dos Jornalistas**. Disponível em:

<<http://www.igutenberg.org/codinter.html>> Acesso em: 04/09/2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019**. Ano 13. Disponível em:

<[https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf)> Acesso em: 04/09/2020.

FOTIOS, Ricardo. (2016). **Gatekeeping e Gatewatching: diálogos da participação do público na construção do jornalismo online**. Intercom – XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016.

Disponível em

<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0960-1.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

FLACSO, ONU Mulheres, OPAS/OMS, SPM. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Julio Jacobo Waiselfisz. Disponível em

<[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)> Acesso em: 04/09/2020.

GÓES, Laércio Torres de. **Contra-hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web**. IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste – Salvador – BA. 2007. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/r0364-1.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? **Revista Psicologia e Ciências**. vol.15, nº1 - 3, Brasília - 1995. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931995000100002&script=sci\\_artext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931995000100002&script=sci_artext)> Acesso em: 04/09/2020.

HERCOWICZ, Heloiza G. **Características dos portais brasileiros de notícias** - SBPJor / Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo. Long Beach. 2009 Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/197/196>> Acesso em: 04/09/2020.

MOURA, Iara. MELO, Paulo Victor. **Guia Mídia e Direitos Humanos** – 1. Ed. - São Paulo: Intervezes, 2014. 128p. Disponível em:  
<<https://intervezes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Guia-Mi%CC%81dia-e-Direitos-Humanos-menor.pdf>> Acesso em: 19/12/2020

INSTITUTO IPSOS. **63% dos brasileiros são a favor dos direitos humanos.** 2018. Disponível em  
<<https://www.ipsos.com/pt-br/63-dos-brasileiros-sao-favor-dos-direitos-humanos>> Acesso em 13/12/2019.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** N° f.246. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6057>> Acesso em 04/09/2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa.** Narrativa e Media: gêneros, figuras e contextos. Imprensa da Universidade de Coimbra. Maio de 2017. P. 43 a 101. Disponível em:  
<[https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/an%C3%A1lise\\_pragm%C3%A1tica\\_da\\_narrativa\\_teor%C3%A7%C3%A3o\\_comunicativa](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/an%C3%A1lise_pragm%C3%A1tica_da_narrativa_teor%C3%A7%C3%A3o_comunicativa)> Acesso em 04/09/2020.

NASI, Lara; RADDATZ, L.S.Vera. Jornalismo como campo mediador dos direitos humanos. **Revista Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v.39, n.2, maio/ago 2017, p. 79-102. Disponível em:  
<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/6789/5948>>. Acesso em: 14/12/2019.

NOGUEIRA, Adriana Cardoso. **Violência nos telejornais: a realidade espetacularizada.** 2000. 470 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em:  
<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284298>> Acesso em: 04/09/2020.

O QUE são os direitos humanos? **ONU Brasil.** 2019? Disponível em:  
<<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>>. Acesso em: 06/12/2019.

PEQUENO, Marconi J.P. Os fundamentos dos Direitos Humanos - **Educando em Direitos Humanos - Fundamentos Histórico-filosóficos e Político-jurídicos.** Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, Maria de Nazaré Tavares Zenaide, Alexandre Antonio Gili Náder - João Pessoa: Editora da UFPB, 2016. v.1. Disponível em  
<<http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2017/04/EducandoEmDireitosHumanosV1.pdf#page=26>> Acesso em: 04/09/2020.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Revista Contracampo.** v.14.512. UFRGS - Porto Alegre. Jan/2006. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/profile/Alex\\_Primo/publication/28132171\\_Webjornalismo\\_Participativo\\_e\\_a\\_Producao\\_Aberta\\_de\\_Noticias/links/53fcc0080cf22f21](https://www.researchgate.net/profile/Alex_Primo/publication/28132171_Webjornalismo_Participativo_e_a_Producao_Aberta_de_Noticias/links/53fcc0080cf22f21)>

[c2f3fee9/Webjornalismo-Participativo-e-a-Producao-Aberta-de-Noticias.pdf](#)>  
Acesso em: 04/09/2020.

RODRIGUES, Catarina. **Jornalismo Participativo: Tecnologia, Comunicação e o Papel do Jornalista**. n° f.402. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade da Beira Interior - Faculdade de Artes e Letras, Covilhã, 2013. Disponível em  
<<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3297/1/catarina-rodrigues-jornalismo-participativo.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu - no.16 - Universidade Estadual de Campinas, 2001. Artigo. Disponível em:  
<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100007&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100007&script=sci_arttext)> Acesso em: 04/09/2020.

SAHD, Luiza. **Elaine Caparróz foi agredida em casa e na internet. Por quê?** 20/02/2019. Disponível em:<<https://luizasahd.blogosfera.uol.com.br/2019/02/20/elaine-caparroz-foi-agredida-em-casa-e-na-internet-por-que/>> . Acesso em: 12/12/2019.

SALES, Tatiana Cury. **Consumo de Notícias na Internet: análise de plataformas online na dinâmica de acesso do leitor ao conteúdo de jornalismo**. Monografia (Comunicação Social - Jornalismo).n° f. 61. Rio de Janeiro, 2010. disponível em:  
<<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2442/3/TCSales.pdf>> Acesso em 04/09/2020.

SCARANCE, Valéria. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil 2ª edição**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Datafolha Instituto de Pesquisa, 2019. Disponível em  
<[https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/)> Acesso em: 19/12/2020.

SCHUDSON, Michael – **As notícias como um gênero difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade**. **Comunicação & Cultura**. Lisboa. ISSN 1646-4877. 12 (Outono-Inverno 2011) 139-150. Disponível em:  
<<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/622>> Acesso em: 04/09/2020.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo : um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 2010. 250 p. Dissertação (Pós-Graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre - RS. Disponível em:  
<<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25629>> Acesso em: 19/12/2020

SOUZA, Adriana Oliveira de. **A Violência contra o gênero feminino e a questão social: breves apontamentos** - 16ºCBAS - Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Brasília - DF - 30 de outubro a 3 de novembro de 2019. Disponível em:  
<<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/519>> Acesso em: 19/12/2020.

SQUIRE, Corinne. Dossiê: Narrativas - O que é narrativa? **Civitas - Revista de Ciências Sociais**. Volume 14, nº2. Maio/Agosto de 2014. p.272 - 284. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/742/74231120006.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

TONDATO, Marcia Perecin. Violência na mídia ou violência na sociedade? A leitura da violência na mídia. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Rio Grande do Sul, 2007 - (32):126-133. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550188018.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Vol. II - A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis, Insular, 2005. 216p. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod\\_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf)> Acesso em 04/09/2020.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Páginas que resistem: A imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil**. VI Congresso Nacional de História da Mídia UFF, Niterói/RJ. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Paginas%20que%20resistem%20A%20imprensa%20feminista.pdf>> Acesso em: 04/09/2020.

Z Aidan, Patricia. **O surto moral de um advogado agressor que ninguém quer defender**. El País Brasil. Rio De Janeiro - 08 mar. 2019. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/07/politica/1551913767\\_960354.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/07/politica/1551913767_960354.html)> Acesso em 14/12/2019.

## ANEXOS

### ANEXO A - Infográfico Anuário Brasileiro de Segurança Pública - 2019



<[https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf)>

### ANEXO B - Paisagista espancada em apartamento na Barra da Tijuca deve receber alta nesta sexta

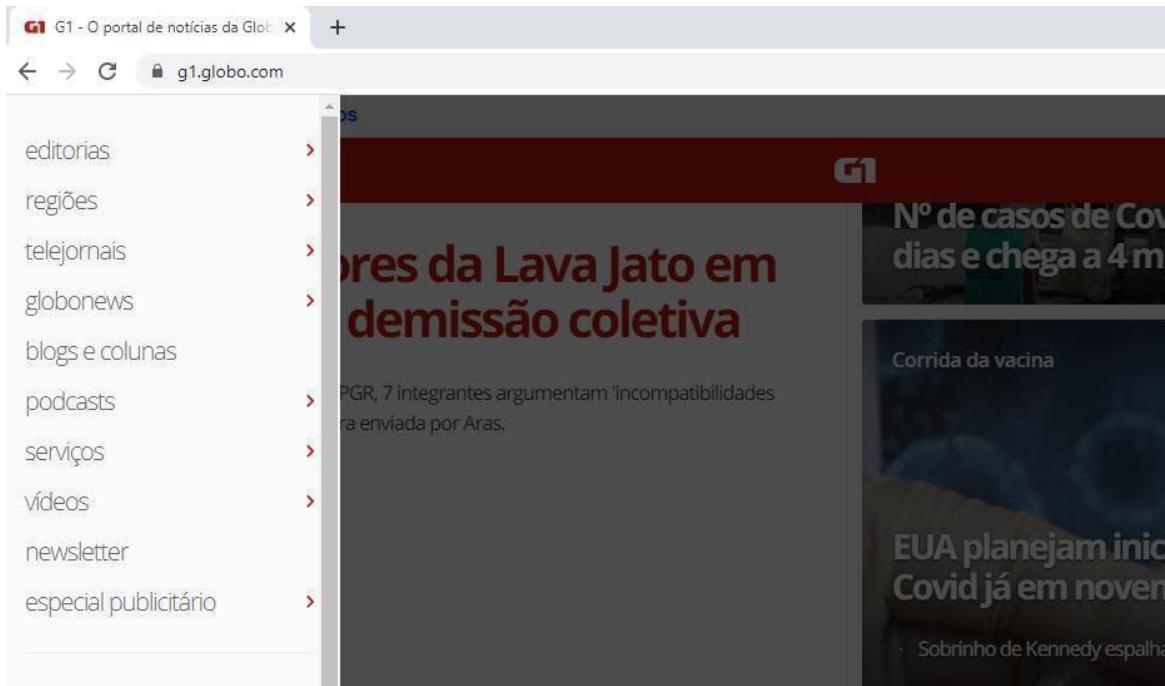
O agressor foi preso em flagrante por tentativa de feminicídio. A polícia entendeu que Vinícius espancou Elaine por ela ser mulher. Ele disse que tomou vinho, dormiu e acordou em surto.



Elaine Perez Caparroz antes e depois das agressões — Foto: Reprodução/TV Globo

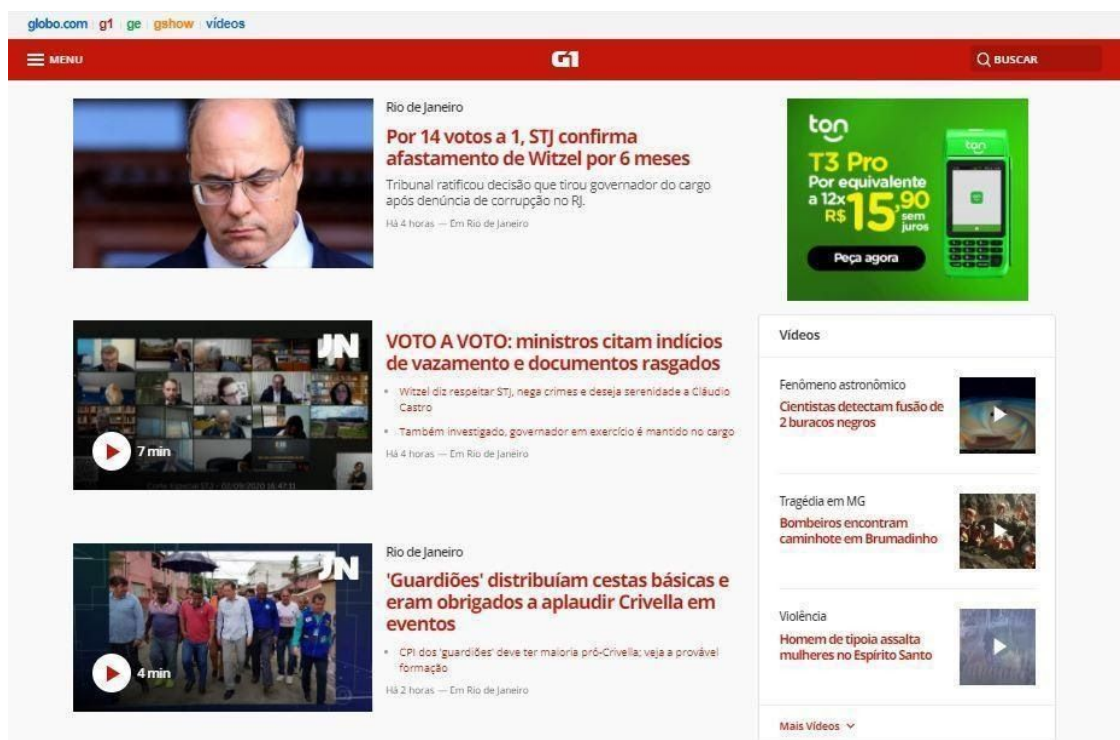
<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/21/paisagista-espancada-em-apartamento-na-barra-da-tijuca-deve-receber-alta-nesta-sexta.ghtml>>

## ANEXO C - Reprodução homepage Portal G1 - agosto de 2019



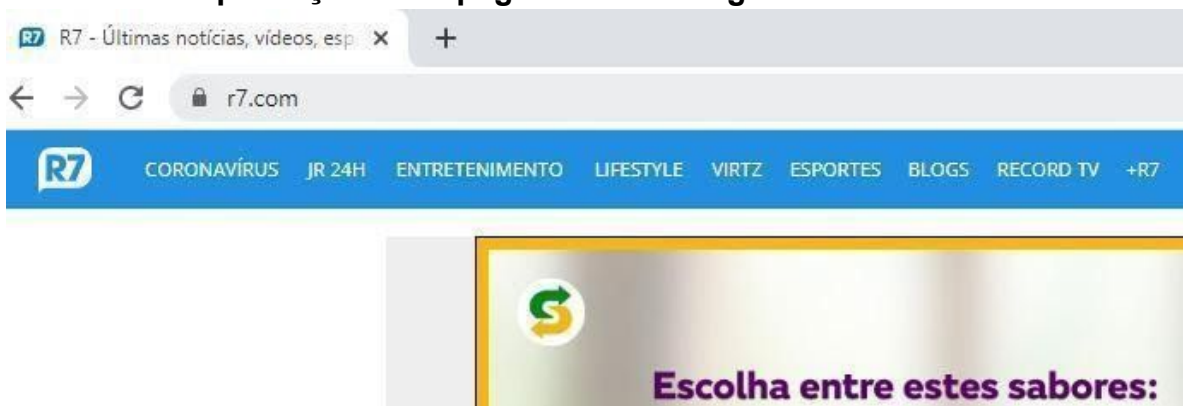
<<https://g1.globo.com/>>

## ANEXO D - Reprodução homepage Portal G1 - agosto de 2019



<<https://g1.globo.com/>>

## ANEXO E - Reprodução homepage Portal R7 - agosto de 2019



[<https://www.r7.com/>](https://www.r7.com/)

## ANEXO F - Reprodução homepage Portal R7 - agosto de 2019

REFLEXO DA FLEXIBILIZAÇÃO, SEGUNDO ESPECIALISTA

### Vendas em SP voltam a subir com alta de 25% em agosto, diz associação

- » PF pede prorrogação de inquérito de interferência de Bolsonaro
- » Justiça proíbe protestos contra a Reforma da Previdência em MG
- » Em parecer, PGR pede volta de Fabrício Queiroz e mulher à prisão
- » Mulher é presa por matar e incendiar corpo de vítima no Rio

EM ASSIS (SP)

**Polícia prende 9 suspeitos de fraudar vestibulares de medicina**

JR 15 MIN #26

**Economista debate queda recorde do PIB no 2º trimestre do ano**

ACL

**Bernardo Pasowitch: Bolsa de valores fecha em leve queda**

PATRICIA LAGÉS

**Análise: Eis que os progressistas descobriram que a fome mata**

VIZINHA GRAVOU IMAGENS

**Vídeo mostra cachorro preso do lado de fora de janela do 9º andar em SP**

PESQUISA APONTA

**Preço da gasolina varia até 38% em São Paulo; no Rio, diferença é de 14%**

DURANTE A PANDEMIA

**Senado aprova texto que veta corte em bolsas de pesquisa**

NA ZONA SUL DA CAPITAL

**Fábrica clandestina de álcool gel é fechada pela polícia em São Paulo**

VÍDEOS

**JR 24H: Após 125 anos, STF decide que Palácio Guanabara é da União**

**Câmera flagra homem jogando casinha com cachorro dentro**

**Policial investigado por estupro presta depoimento à corregedoria**

**Polícia descobre clínica de estética clandestina de cirurgias plásticas**

**Adolescente é apreendido com 18 pacotes skank em São Paulo**

[<https://www.r7.com/>](https://www.r7.com/)

## ANEXO G - Paisagista espancada em apartamento na Barra tem alta médica



# Paisagista espancada em apartamento na Barra tem alta médica

Suspeito de cometer agressão está em hospital penitenciário para avaliação psiquiátrica. Polícia aguarda a melhora da vítima para pegar seu depoimento. Elaine teve descolamento de retina e passou por cirurgia.

Por Cristina Boeckel, G1 Rio

22/02/2019 07h37 - Atualizado há um ano



Paisagista vítima de agressão dentro hospital no Rio

A paisagista **Elaine Perez Caparroz**, internada desde sábado (16), depois de ser espancada dentro do próprio apartamento na Barra da Tijuca, na Zona Oeste, recebeu alta médica na manhã desta sexta-feira (22).



<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/22/paisagista-espancada-em-apartamento-na-barra-deve-receber-alta-nesta-sexta-feira.ghtml>>



## ANEXO H - 'Logo, logo eu estou numa boa', diz em vídeo mulher espancada dentro de casa na Barra da Tijuca



### 'Logo, logo eu estou numa boa', diz em vídeo mulher espancada dentro de casa na Barra da Tijuca

Paisagista espancada no primeiro encontro com Vinícius Batista Serra, 27 anos, ficou abalada ao se ver no espelho, diz irmão.

Por Daniel Silveira, G1 — Rio de Janeiro  
19/02/2019 12h01 - Atualizado há um ano



Mulher espancada por lutador de jiu-jitsu cerca a LTI, mas continua internada

A paisagista Elaine Perez Caparroz, de 55 anos, **espancada dentro do próprio apartamento** durante o primeiro encontro com um jovem que conheceu na internet, gravou um vídeo para dizer que se recupera das lesões: "Logo, logo, eu estou numa boa", garantiu.



<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/19/paisagista-espancada-no-primeiro-encontro-com-jovem-diz-em-video-que-esta-se-recuperando.ghtml>>

## ANEXO I - Paisagista vítima de agressão chega à delegacia para prestar depoimento



# Paisagista vítima de agressão chega à delegacia para prestar depoimento

Polícia deve encerrar inquérito sobre espancamento de paisagista nesta segunda-feira. Delegada acredita na possibilidade de vítima ter sido dopada.

Por Henrique Coelho, G1 Rio

25/02/2019 11h35 - Atualizado há um ano



Paisagista Elaine Caparroz chega para prestar depoimento na 16ª DP — Foto: Henrique Coelho / G1

O inquérito sobre a **tentativa de feminicídio contra a paisagista Elaine Caparroz, de 55 anos**, deve ser encerrado nesta segunda-feira (25), de acordo com a delegada Adriana Belém, titular da 16ª DP (Barra da Tijuca). Elaine chegou na delegacia para prestar depoimento às 12h50. "É minha busca por justiça. Por todas as



<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/25/policia-deve-encerrar-inquerito-sobre-espancamento-de-paisagista-nesta-segunda.ghtml>>

## ANEXO J - Espancamento e tentativa de feminicídio de paisagista foram premeditados, diz polícia

globo.com | g1 | ga | gshow | vídeos

ASSINE JÁ | MINHA CONTA | E-MAIL | ENTRAR >

MENU | G1 | RIO DE JANEIRO | BUSCAR

### Espancamento e tentativa de feminicídio de paisagista foram premeditados, diz polícia

Delegada contou que Vinícius Serra, preso pela agressão, mordida a vítima, arrancava pedaços e, em seguida, cuspiu. Inquérito foi concluído nesta segunda-feira (25).

Por Henrique Coelho, G1 Rio  
25/02/2019 15h58 - Atualizado há um ano

Facebook | Twitter | WhatsApp | LinkedIn | Pinterest



Mulher espancada dentro de casa, no Rio, acredita ter sido atacada por agressor

A polícia afirma que o espancamento da paisagista Elaine Caparroz, de 55 anos, foi premeditado. O inquérito policial referente à prisão em flagrante do agressor foi dado como encerrado nesta segunda-feira (25) e Vinícius Serra foi indiciado por tentativa de

**SAMSUNG**  
Mais velocidade, com taxa de atualização de 120Hz



<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/25/espantamento-e-tentativa-de-feminicidio-de-paisagista-foram-premeditados-diz-policia.ghtml>>

## ANEXO K - Paisagista agredida por lutador presta depoimento à Alerj

**R7** RIO DE JANEIRO | Paisagista agredida por lutador presta depoimento à Alerj

### Paisagista agredida por lutador presta depoimento à Alerj

Elaine Caparroz foi ouvida na CPI do Femicídio da Assembleia do Rio. Vítima de espancamento conversou com o agressor pela internet por oito meses

RIO DE JANEIRO  
 Lucas Ferreira, do R7\*  
 22/05/2019 - 11h56

🔊 A- A+



▶ Ouvir: depoimento à Alerj 0:00 13:47 min

Moto G 5G e Motorola Edge 5G  
 Design Premium e Ainda Mais Tecnologia. Compre Já o  
 Novo Motorola da Família 5G Motorola



Paisagista ficou internada por cinco dias após agressões  
 Reprodução/RecordTV Rio

A paisagista Elaine Caparroz, de 55 anos, foi ouvida na manhã desta quarta-feira (22) pela CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do Femicídio da Alerj (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro). A depoente foi **agredida por mais de**

<<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/paisagista-agredida-por-lutador-presta-depoimento-a-alerj-22052019>>

## ANEXO L - Paisagista espancada no primeiro encontro recebe alta médica

**R7** RIO DE JANEIRO | Paisagista espancada no primeiro encontro recebe alta médica

### Paisagista espancada no primeiro encontro recebe alta médica

Enquanto Elaine deixa hospital na zona norte do Rio, acusado pelas agressões passa por exames em avaliação psiquiátrica

RIO DE JANEIRO

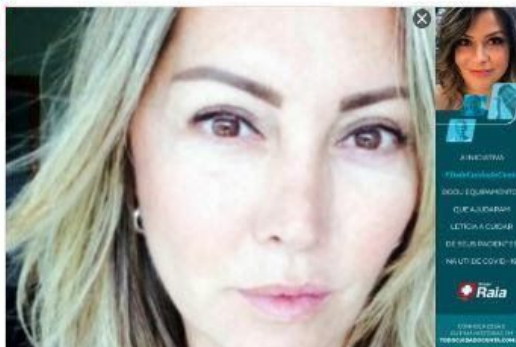
Rayssa Motta, do R7\*

© 22/02/2019 - 10h50

🔊 A- A+

▶ Ouvir: paisagista espancada no primeiro encontro recebe alta médi 0:00 ouvir

Moto G 5G e Motorola Edge 5G  
Design Premium e Ainda Mais Tecnológico. Compre Já o  
v [p] Novo Motorola da Família 5G-Motorola



A paisagista e empresária Elaine Caparroz, de 55 anos, **espancada por mais de quatro horas dentro do próprio apartamento** durante o primeiro encontro com um homem que conheceu na internet, recebeu alta médica nesta sexta-feira (22).

Elaine precisará passar por cirurgias para reconstruir o rosto

Reprodução/RecordTV Rio

<<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/paisagista-espancada-no-primeiro-encontro-recebe-alta-medica-22022019>>